

Noites Brancas

Fiódor Dostoievski

NOITES BRANCAS

Fiódor Dostoievski

... Fora ele criado

Para habitar um instante que fosse

Nas vizinhanças do teu coração?

I. Turguêniev

PRIMEIRA NOITE

Era uma noite maravilhosa, uma dessas noites que só podem acontecer quando somos jovens, caro leitor. O céu estava tão estrelado, tão luminoso, que ao olhá-lo, seríamos obrigados a nos perguntar involuntariamente, como seria possível que existissem, sob um céu semelhante, tantas criaturas bravas e caprichosas? Essa é uma pergunta nova, caro leitor, muito nova, mas que Deus a mande com mais freqüência a nossa alma...! Falando destes senhores caprichosos e bravos, eu não podia deixar de recordar-me da minha própria conduta durante todo este dia. Desde o começo da manhã, estava atormentado por uma angústia singular. De repente, tive a impressão de que eu, já tão só, estava sendo abandonado por todos, que todos se afastavam de mim. E claro que qualquer um tem o direito de perguntar: mas quem são esses todos? Porque já faz oito anos que moro em Petersburgo e não consegui travar conhecimento com ninguém. Mas para que haveria eu de ter conhecidos? Eu já conheço toda Petersburgo; precisamente por isso, é que me pareceu que todos me abandonaram, que toda a Petersburgo se levantou e partiu de repente para casas de veraneio.¹ Comecei a ter medo de ter sido deixado só, e vaguei durante três dias inteiros pela cidade em uma angústia profunda, incapaz de compreender o que se passava comigo. Quer fosse para a avenida Niévski, quer fosse para o jardim, quer vagasse pela margem do rio² - não havia nenhum daqueles rostos familiares que me acostumara a encontrar nos mesmos lugares a mesma hora, o ano inteiro. Eles, claro, não me conhecem, mas eu, sim, os conheço. Eu os conheço intimamente: quase estudei suas fisionomias, e me deleito quando as vejo felizes, e me aflijo quando se tornam sombrias. Certa vez, quase travei amizade com um velhinho, com quem me encontrava todo santo dia na Fontanka. Tinha uma fisionomia pensativa, de alguém importante, murmurava alguma coisa consigo mesmo; e agitava o braço esquerdo, enquanto na mão direita carregava uma grande bengala proeminente que terminava por um castão dourado. Ele até tinha reparado em mim com interesse cordial. Se acontecer de eu não estar na hora certa no lugar habitual, na Fontanka, estou certo de que ele sentirá certa tristeza. Por isso, certas vezes pouco faltou para que quase nos cumprimentássemos, sobretudo quando estávamos os dois de bom humor. Recentemente, após ficarmos dois dias inteiros sem nos ver, ao nos encontrarmos no terceiro dia, estivemos a ponto de erguer a mão ao

¹ Casas de campo muito próximas à cidade, em um trajeto que dura cerca de 20 minutos.

² Margem do rio revestida de granito com palácios

chapéu, mas felizmente voltamos a si a tempo, baixamos os braços e com simpatia passamos um pelo outro. Também os prédios me são familiares. Quando passo diante deles, parece que cada um, assim que me vê, vem em minha direção na calçada, e me olha por todas as suas janelas e como que diz: “Bom dia! Como vai sua saúde? Eu também vou bem, graças a Deus; e em maio, vou ganhar um andar”. Ou então: “Bom dia! Como vai, senhor? E eu amanhã serei reformado”. Ou: “Eu quase me queimei e fiquei mesmo assustada!”... e assim por diante. Eu tenho os meus favoritos entre eles, e até amigos íntimos. Um deles tem planos de se tratar com um arquiteto neste verão. Propositalmente, passarei por lá todos os dias, para que não o maltratam com o tratamento. Que Deus o proteja! Nunca esquecerei a história daquele pequeno palacete cor-de-rosa claro. Era um palacete de pedra bonitinho, olhava-me sempre com muita simpatia, e olhava com orgulho para os seus vizinhos desajeitados, tanto que o meu coração se alegrava quando passava diante dele. De repente, na semana passada, caminhando pela rua, olhei para o meu amigo e escutei um clamor lastimoso: - “Estão me pintando de amarelo! Bárbaros, Malvados! Não pouparam nada: nem colunas, nem molduras!”, e meu amigo ficou amarelo como um canário. Quase que transbordou a minha bÍlis por causa disso, e até agora não tive coragem de ver meu pobre amigo desfigurado, que foi colorido da cor do Império Celestial.³

E é por isso que agora, meu caro leitor, você compreende de que maneira conheço toda Petersburgo.

Já disse que durante três dias me torturou uma estranha inquietação, até que, finalmente, consegui descobrir sua causa. Não me sentia bem na rua (não via este, nem aquele, nem outro, por onde andara tal pessoa?), mesmo em casa me sentia fora de mim. Gastei duas noites indagando o que seria que me faltava no meu canto. Por que me incomodava tanto permanecer lá dentro? Perplexo, contemplava as verdes paredes enfumaçadas, olhava o teto, coberto pelas teias de aranha, cultivadas por Matriona com grande êxito; revisava em toda a minha mobília, olhava cada cadeira, e perguntava a mim mesmo se não estaria ali a razão da desgraça (porque se uma cadeira na minha casa não estiver como estava ontem, fico fora de mim), olhava pela janela mas tudo em vão... não sentia nenhum alívio. Eu até pensei em chamar Matriona e, em tom paternal, dei-lhe uma reprimenda por causa das teias de aranha e pelo desmazelo geral; mas ela apenas me olhou surpresa, e saiu sem dizer palavra; de modo que as teias de aranha continuam incólumes em seu lugar. Finalmente nesta manhã, me dei conta da causa de tudo. Ah, então é de mim que todos estão fugindo, se mandando para o campo! Perdoem-me o trivial da expressão, mas não tenho ânimo para buscar um estilo elevado... porque tudo que tinha em Petersburgo ou já mudara ou estava mudando para veraneio, porque cada senhor de aspecto respeitável, que montava numa carruagem, ao meu ver na mesma hora se transformava em um honrado pai de família, que depois de realizar suas ocupações cotidianas, deixava a cidade para passar o resto do dia entre seus parentes e familiares, porque cada transeunte tinha um aspecto totalmente particular, que parecia dizer a todo mundo: “Nós, Senhores, estamos aqui só de passagem, mas daqui a duas horas partiremos para o campo”. Se se abria uma janela na qual inicialmente tivessem tamborilando os dedinhos delicados, brancos como açúcar, e então surgia a cabecinha de uma moça

³ Os prédios do governo eram pintados em amarelo

bonitinha chamando um vendedor de vasos de flores, de imediato parecia-me que só se compravam aquelas flores por comprar, isto é, não era de modo algum para deleitar-se com a primavera e com as flores em um apartamento asfixiante da cidade, e que muito em breve todos iam se mudar para o campo e levariam até mesmo as flores consigo. Afora isso, eu fazia tais progressos em meu novo e particular gênero de descobertas, que já podia determinar infalivelmente, só pela aparência, em que veraneio vivia cada um deles. Os habitantes das ilhas Aptekarski e Kamennyi ou dos palacetes da estrada de Peterhof se caracterizavam por suas maneiras requintadas, trajes de verão elegantes, e possuíam carruagens excelentes, nas quais vinham à cidade. Os moradores de Pargalovo e de além se “impunham” logo ao primeiro olhar, com seu cumprimento prudente e discreto, e os visitantes da ilha Krestovski, se caracterizavam pelo aspecto imperturbavelmente alegre. Tendo ocasião de encontrar uma longa procissão de cocheiros, que iam de modo indolente com as rédeas nas mãos, junto dos carros, carregados com montes inteiros de toda espécie de mobília, mesas, cadeiras, sofás turcos e não-turcos, e outros bens domésticos, sobre os quais, por cima de tudo aquilo, amiúde, ocupava lugar de honra, no topo do carro, uma cozinheira magra, cuidando dos bens do patrão como a menina dos olhos; ou olhando carregadas com utensílios domésticos lanchas vindas pelo Neva ou Fontanka, vagando rumo às ilhas ou ao rio Schornayarieschka – as lanchas e as cargas se multiplicavam por dezenas e por centenas a meus olhos; eu tinha a impressão de que tudo se levantava e por caravanas inteiras, saía da cidade, e que Petersburgo ameaçava de se transformar em um deserto, assim que enfim eu sentia uma vergonha, ofensa e tristeza; eu não tinha aonde e por que ir para o veraneio. Estava disposto a subir em qualquer carrocinha e acompanhar qualquer indivíduo de aparência respeitável que partisse em uma carruagem, só que nenhum deles, ninguém me convidou; como se todos tivessem me esquecido, como se eu fosse, de fato, um estranho para eles!

Andei muito e por muito tempo, tanto que, como é de costume, consegui esquecer completamente onde eu estava, quando de repente me achei nos limites da cidade. Subitamente fiquei alegre, atravessei a barreira e continuei caminhando pelos campos e prados semeados, sem sentir o menor cansaço, apenas sentindo com todo o meu ser que um fardo qualquer se desprendia da minha alma. Todos que passavam perto me olhavam tão amavelmente, que vinha a ser como uma saudação; e todos pareciam estar contentes, todos fumavam charutos. E eu também fiquei muito alegre, como nunca me ocorreu antes. Como se me encontrasse de repente na Itália - tão poderosa magia exercia a natureza sobre mim - pessoa urbana, meio doente, quase asfixiado entre os muros da cidade.

Há algo inexplicavelmente comovedor na natureza da nossa Petersburgo quando ela, com o despertar da primavera, de repente manifesta todo o seu poderio, todas as forças que o céu lhe deu; quando se cobre de tenra penugem, se enfeita, se adorna de coloridas flores... Involuntariamente, ela me lembra aquela mocinha, doente e definhada, que olhamos às vezes com pena, outras vezes com amor compassivo, e na qual por vezes simplesmente nem reparamos, mas que um dia, de repente, por um momento, inexplicavelmente se torna tão magicamente bela, que ficamos desconcertados e aturdidos ao vê-la, e perguntamos, admirados: “Mas qual foi o poder que fez de repente brilhar com tanta luz os olhos tristes e pensativos? O que

fez afluir o sangue às suas pálidas e magras faces? O que inundou com a paixão estes traços ternos? Por que se levanta seu peito? O que, de repente, infundiu força, vida e formosura ao rosto da pobre mocinha, fez ele brilhar com este sorriso, se animar com tão cintilante, flamejante riso?” E olhamos à nossa volta, e procuramos alguém, e começamos a adivinhar... Mas este momento é passageiro, e talvez já amanhã voltemos a encontrar o olhar distraído e pensativo de antes, o mesmo semblante pálido e a mesma resignação e timidez nos movimentos, e até mesmo um arrependimento, os vestígios de certa angústia mortal e do despeito por aquele entusiasmo de um momento... Lamentaremos que tão rápido e para sempre tenha se esgotado a beleza momentânea, que tenha brilhado de forma tão ilusória e inútil na nossa frente - lamentaremos até mesmo não ter tido tempo de amá-la...

E, no entanto, a minha noite foi melhor do que o dia! Eis como foi:

Voltei já tarde para a cidade, e davam as dez horas quando me aproximei de casa. Meu caminho seguia a direção do canal, onde a essa hora você não encontrará viva alma. Na verdade, moro no bairro mais afastado da cidade. Eu ia andando e cantando, pois quando me sinto feliz cantarolo alguma coisa para mim mesmo, como todo homem feliz que não tenha amigos nem ninguém com quem compartilhar seus momentos de alegria. De repente, aconteceu comigo uma aventura totalmente inesperada.

De lado, encostada ao parapeito do canal, estava uma mulher; apoiada na grade, ela parecia contemplar com muita atenção as turvas águas do canal. Vestia um chapeuzinho amarelo encantador e uma mantilha preta muito graciosa. “É uma mocinha e, com toda certeza, de cabelos negros”, pensei. Parecia que não tinha ouvido meus passos, pois não fez movimento algum quando passei junto dela, contendo a respiração e com o coração palpitante. “Que coisa estranha!” – disse a mim mesmo – “deve estar completamente absorvida em seus pensamentos!” E, de repente, fiquei cravado no chão. Aos meus ouvidos chegavam soluços abafados. Sim, não me enganei: a moça estava chorando... Depois de um minuto, mais e mais soluços. Meu Deus! Fiquei com o coração apertado. Por mais tímido que eu seja com as mulheres, o que acontecia, as circunstâncias eram tão singulares!... Voltei, caminhei em sua direção e sem dúvida teria dito: “Senhorita!” – se não tivesse recordado que essa exclamação já foi pronunciada pelo menos mil vezes, em todas essas novelas russas em que se descreve o ambiente da boa sociedade. Foi somente isso que me deteve. Mas enquanto eu ia procurando uma palavra adequada, a moça voltou a si, olhou ao redor, se recompôs, baixou os olhos e passou pela margem do canal sem me olhar. Imediatamente fui seguindo-a, mas ela percebeu, abandonou a margem do canal, atravessou a rua e passou para a calçada. Eu não me atrevi a atravessar a rua. O coração me palpitava como o de um passarinho cativo. De súbito o acaso veio em meu auxílio.

Na calçada do outro lado junto da minha desconhecida, surgiu de repente um cavalheiro vestido de fraque, que tinha atingido a idade da discricção, mas que não tinha discricção alguma em seu andar. Andava cambaleando, e de quando em quando cautelosamente se apoiava nas paredes. A moça estava andando feito uma flecha, apressada e timidamente, como em geral andam todas as moças que não querem que

alguém se ofereça para acompanhá-las de noite à casa, e é claro que o senhor cambaleante nunca a teria alcançado, se o meu destino não lhe desse uma idéia de procurar artifícios. De repente sem dizer uma palavra, o meu cavalheiro se arrancou do lugar e correu voando, alcançando a minha desconhecida. Ela caminhava rápido como o vento, mas o cavalheiro cambaleante a alcançou; a moça deu um grito - e eu dei graças ao destino pela ótima bengala que por acaso estava na minha mão direita. No momento seguinte eu me encontrei do outro lado da calçada; em um piscar de olhos o indivíduo intruso compreendeu do que se tratava, levou em conta meu argumento irrefutável, ficou calado, retrocedeu e, somente quando nós já estávamos muito longe, começou a protestar contra mim em termos enérgicos. Mas nós mal ouvíamos suas palavras.

- Passe o braço no meu – disse à jovem desconhecida – e ele não se atreverá a aborrecê-la de novo.

Calada, ela deu-me seu braço, que ainda tremia de emoção e de susto. Oh, senhor intruso, como eu te bendisse naquele instante! Lancei um rápido olhar a ela, era encantadora e morena, eu adivinhara! Em suas negras pestanas ainda refulgiam lágrimas de medo recente ou de pesar antigo - não sei! Mas o sorriso já brilhava nos seus lábios. Também ela me olhou de soslaio; ficou ligeiramente corada e baixou os olhos.

- Está vendo, por que me afastou naquele momento? Se eu estivesse por perto, nada teria acontecido.

- Mas eu não o conhecia: pensei que o senhor também...

- Ah! E será que agora já me conhece?

- Um pouquinho. Mas por exemplo... por que o senhor está tremendo ?

- Ah! Vejo que a senhorita já adivinhou logo de vez – respondi, admirado que a minha moça era inteligente, isto jamais compromete a beleza. Sim, a senhorita compreendeu à primeira vista com quem está tratando. Certo, é verdade que eu sou tímido com as mulheres, e não nego que estou agitado não menos que a senhorita estava há alguns minutos, quando aquele sujeito lhe causou tanto susto... E agora estou sentindo algum medo. Parece um sonho, mas nem em sonho poderia imaginar que um dia conversaria com mulher alguma.

- Como? É verdade?

- E se agora o meu braço está tremendo, é porque ele nunca sentiu o enlaço de uma mãozinha tão encantadora e pequena como a sua. Perdi totalmente qualquer hábito de falar com mulheres; ou melhor, nunca fui a elas habituado, pois eu sou sozinho... Sequer sei como falar com elas. Mesmo agora não sei se lhe terei dito alguma tolice. Me diga com toda a franqueza, lhe adianto que não me ofenderei.

- Não, não, nada disso; pelo contrário. E já que exigiu que seja sincera, vou dizer francamente que as mulheres gostam de tal timidez; e se ainda quiser saber mais, ela me agrada também e eu não vou afugentá-lo até que cheguemos a minha casa.

- A senhorita fará - comecei eu perdendo o fôlego de entusiasmo - com que eu perca a minha timidez. – E então adeus a todos os meus métodos!

- Métodos, que métodos? Que quer dizer isso? Esta é uma coisa que não me agrada!

- Perdoe-me! Não direi mais nada! A palavra me escapou à língua. Mas como pode a senhorita pretender que, em um momento como este, eu não tenha o desejo de...

- De agradar, talvez?

- Sim! Mas seja bondosa comigo, pelo amor de Deus, seja bondosa! Pense em quem sou eu. Tenho já vinte e seis anos e ainda não tive trato com ninguém. Então, como é que poderia falar bem, com habilidade e de forma adequada? Será melhor para a senhorita quando eu tiver revelado e esclarecido tudo. Não sei ficar calado quando o coração fala dentro de mim, mas tanto faz... Acredite, nenhuma mulher, nunca, nunca! Não travei nenhum conhecimento. E somente sonho todos os dias que finalmente um dia hei de encontrar alguém... Ah! Se a senhorita soubesse quantas vezes me apaixonei desse modo...

- Mas como é possível? E por quem se apaixonou?

- Ora, por ninguém, por um ideal, aquele que me aparece nos sonhos. Crio romances inteiros em meus devaneios. Oh, a senhorita não me conhece! Na verdade, não posso negar que me encontrei com duas ou três mulheres; mas que mulheres eram elas! Eram todas donas daquelas casas que... Mas, olhe: vou lhe dizer que algumas vezes pensei em falar com alguma moça aristocrática, assim, sem mais nada, na rua. Entenda-se: quando ela estivesse sozinha. Claro, falar-lhe tímida, respeitosa, e apaixonadamente, dizer-lhe como estou só neste mundo, e pedir-lhe que não me afastasse de seu lado, porque não teria meios de conhecer pelo menos alguma mulher; convencê-la que é um dever de toda mulher de não rejeitar as súplicas modestas de um homem tão infeliz quanto eu. Que, afinal, tudo quanto lhe peço se reduz a que me diga algumas duas palavras fraternais, com compaixão, e não me expulse desde o primeiro momento, mas acredite na minha palavra e ouça o que tenho a dizer; que ria de mim se quiser, mas que me dê alguma esperança, que me diga duas palavras, só duas palavras, mesmo que nunca mais nos reencontremos depois. Mas a senhorita está rindo... Aliás, para isso mesmo que eu estou falando...

- Não se aborreça! Eu estou rindo porque o senhor é seu próprio inimigo, e se tivesse tentado, talvez conseguisse, mesmo se tudo acontecesse na rua: quanto mais simples melhor. Nenhuma mulher bondosa, a não ser que seja tola ou então que esteja de mau humor nesse momento, seria capaz de expulsar o senhor, sem essas duas palavras que implora tão timidamente... Aliás, que estou dizendo? É claro que

tomaria o senhor por um louco. Julguei por mim mesma. Sei bem que tipo de gente vive nesse mundo!

- Oh, muito obrigado! – exclamei. – A senhorita não sabe o quanto fez por mim!

- Bem, bem. Mas agora me diga por que percebeu que sou uma mulher com a qual, bem, que o senhor considera digna de atenção e amizade... Em outras palavras: que não sou nenhuma mulher “daquelas casas”, como o senhor dizia. Por que resolveu aproximar-se de mim?

- Por quê? Por quê? A senhorita estava sozinha, aquele sujeito se comportou como um atrevido, e agora é noite: há de reconhecer que era meu dever...

- Não, não; digo antes, ali do outro lado. O senhor já queria se aproximar de mim, não é?

- Lá do outro lado? Não sei, realmente, o que devo responder-lhe; tenho medo. Se quer saber, eu estava hoje tão feliz; andava, cantava, estava fora da cidade; nunca tive momentos tão felizes. A senhorita, pelo contrário, eu tinha impressão... Bem, perdoe que a lembre: tinha impressão que a senhorita chorava e eu... eu não podia ouvir isso... fiquei com o coração apertado... Meu Deus! Não podia sentir a sua angústia. Era pecado sentir compaixão fraternal pela senhorita? Perdoe, falei em compaixão... Bem, em uma palavra: poderia ofendê-la quando involuntariamente resolvi me aproximar da senhorita?

- Está bem, não continue, não fale... – interrompeu a jovem, baixando os olhos e apertando a minha mão. – Eu mesma sou culpada por ter começado. Mas alegro-me por não ter me enganado a seu respeito. Bem, já estou em casa... Aqui, nessa travessa; a dois passos daqui... Agradeço-lhe. Adeus!

- Mas, como? Não voltaremos a nos ver? Será que isso termina assim?

- Veja o senhor – disse ela rindo -, a princípio queria só duas palavras, e agora... Bem, não vou lhe dizer nada... Talvez nos encontremos...

- Estarei aqui amanhã – falei. – Perdoe se já me mostro exigente.

- Sim, o senhor tem muito pouca paciência... já quase exige...

- Escute! Escute! – interrompi – Perdoe se digo outra vez... Mas veja bem: não posso deixar de vir aqui amanhã. Sou um sonhador, tenho tão pouca vida real, que considero uma raridade momentos como esses, e não posso deixar de repeti-los em meus devaneios. Estarei sonhando com a senhorita a noite toda, a semana toda, o ano inteiro! Virei aqui amanhã sem falta, exatamente aqui, a este mesmo lugar, a esta mesma hora, e serei feliz recordando o que se passou ontem. Este lugar já é caro para mim. Como este, já tenho mais dois ou três em Petersburgo. Uma vez, cheguei a derramar lágrimas de lembranças, como a senhorita... Talvez esta noite dez minutos atrás a senhorita chorasse de lembranças... Perdoe, me perdi de novo. Talvez a senhorita tivesse sido ali especialmente feliz...

- Bem - falou a jovem - talvez estarei aqui amanhã, também às dez horas. Vejo que já não posso proibi-lo... De qualquer modo, preciso vir aqui; não pense que lhe concedo um encontro; previno-lhe que preciso estar aqui para mim mesma. Então... bem, vou dizer-lhe abertamente: não me importa que o senhor também venha. Em primeiro lugar, pode haver aborrecimentos novamente, como hoje, mas isso não conta... numa palavra, eu simplesmente queria vê-lo... para dizer-lhe duas palavras. Só que, veja, apenas não vá me julgar mal agora! Não pense que concedo um encontro tão facilmente... Eu não concederia se... Bem, que isso seja meu segredo! Mas primeiro um acordo...

- Um acordo? Fale, diga, diga tudo antes. Desde já o aceito; estou disposto a tudo – exclamei extasiado. – Eu respondo por mim, serei obediente, respeitoso... a senhorita já me conhece...

- Precisamente por isso, porque o conheço, é que lhe convido amanhã – disse a moça, rindo. – Eu o conheço perfeitamente. Mas veja, venha com uma condição: antes de mais nada (apenas faça o favor, faça o que vou pedir, veja que estou falando francamente), não se apaixone por mim... Isso não poderia ser, de modo algum. Para amizade, estou pronta; aqui tem a minha mão... Mas apaixonar-se, não; eu lhe peço.

- Eu lhe juro – exclamei, tomando a sua mãozinha.

- Chega, não jure, eu sei que o senhor é capaz de explodir como a pólvora. Não leve a mal que o diga assim. Mas se soubesse... Eu também não tenho ninguém a quem possa dirigir a palavra ou pedir um conselho. Claro, não é na rua que se deve procurar conselheiros; mas o senhor é uma exceção. Já o conheço tão bem como se fôssemos amigos há vinte anos... O senhor não me trairá, não é verdade?

- A senhorita vai ver... Apenas não sei como vou sobreviver a essas vinte e quatro horas.

- Durma profundamente, boa noite; e lembre-se de que confio no senhor. Mas foi tão bonito isso que o senhor disse há pouco: será que temos que prestar contas de cada sentimento, mesmo de uma compaixão fraternal? Sabe, isso foi tão bem dito que imediatamente me ocorreu a idéia de confiar no senhor.

- Pelo amor de Deus, confiar em que? O que é?

- Até amanhã. Que isso fique em segredo por enquanto. Assim é melhor para o senhor; isso lhe parecerá coisa de romance. Pode ser que lhe conte amanhã mesmo; mas talvez não... Conversaremos antes, vamos nos conhecer melhor...

- Oh, sim, amanhã mesmo eu lhe contarei tudo sobre mim! Mas, o que é isso? É como se fosse um milagre o que está acontecendo comigo... Onde estou, meu Deus? Mas diga: será que sente arrependimento por não estar zangada comigo, como outra faria, me ter mandado embora desde o começo? Apenas dois minutos, e a senhorita já me fez feliz para sempre. Sim, feliz; e quem sabe, talvez a senhorita me tenha reconciliado comigo mesmo e dissipado as minhas dúvidas... Talvez aconteçam comigo minutos tais que... Mas, sim, amanhã lhe contarei tudo, a senhorita vai saber tudo...

- Bem, está combinado! E o senhor vai começar...

- De acordo!

- Até amanhã!

- Até amanhã!

E separamo-nos. Andei a noite toda, não podia decidir-me a voltar para casa. Eu estava tão feliz... até amanhã!

SEGUNDA NOITE

- Então sobrevivemos! — disse-me ela, rindo, e me apertando as duas mãos.

- Faz duas horas que estou aqui. A senhorita não sabe o dia que passei.

- Sei, sei... Mas vamos ao assunto. Sabe por que vim? Não é para falar besteiras, como ontem à noite. Veja, devemos agir com a maior sensatez daqui para frente. Ontem pensei muito em tudo isso.

- Como assim, como assim ser mais sensatos? Da minha parte, estou pronto, mas é verdade que em toda minha vida nunca aconteceu comigo nada mais sensato do que agora.

- Verdade? Em primeiro lugar, peço-lhe que não aperte tanto minhas mãos; e depois lhe declaro que hoje pensei muito no senhor.

- E como isso terminou?

- Como terminou? Terminou que é preciso começar tudo de novo, pois a conclusão de tudo é que o senhor para mim é um desconhecido total, que eu agi ontem como uma criança, como uma menina, e é claro, aconteceu assim, que o culpado de tudo foi o meu bom coração; ou seja, me exaltei, como sempre acaba acontecendo quando começamos a examinar nossa vida. E para corrigir o erro, decidi conhecê-lo de modo mais detalhado. Mas como não há ninguém para me informar sobre o senhor, há de ser o senhor mesmo que me contará tudo nos mínimos detalhes. Então, que tipo de pessoa é o senhor? Depressa... comece, fale, conte-me sua história.

- História? - exclamei assustado. — Minha história? Mas quem lhe disse que eu tenho uma história? Eu não tenho história...

- Mas como o senhor viveu se não tem história? - interrompeu ela, rindo.

- Sem história nenhuma! Vivi assim, como se costuma dizer, por mim mesmo, isto é, perfeitamente só - só, completamente sozinho. Compreende o que significa sozinho?

- Mas como assim, sozinho? Quer dizer que nunca encontrou ninguém?

- Oh, não... encontrar, encontrei; mas, apesar disso, sou sozinho.

- Ora, será possível que o senhor não fale com ninguém?

- No sentido estrito, com ninguém.

-Mas, afinal, quem é o senhor? Explique-se! Não, espere; acho que posso adivinhar. Certamente o senhor tem uma avó, como eu tenho. Ela é cega e nunca me deixa sair, tanto que quase desaprendi a falar completamente. Quando fiz uma travessura, há dois anos, ela percebeu que não podia deter-me, então me chamou e prendeu meu vestido ao dela com um alfinete, e desde então ficamos assim dias inteiros; ela tricotando meias, mesmo estando cega; e eu fico sentada ao seu lado, devo costurar ou ler um livro em voz alta para ela – e que hábito estranho é esse de ficar pregada a um alfinete por já dois anos...!

- Meu Deus, que desgraça! Mas eu não, não tenho uma avó assim.

- Então, se não tem, como o senhor pode ficar tanto em casa desse jeito?

- Escute, a senhorita quer saber quem sou eu?

- Pois sim, sim!

- No estrito sentido da palavra?

- Sim, no mais estrito sentido da palavra!

- Bem; pois eu sou um... tipo.

- Um tipo, um tipo! Como assim um tipo? - exclamou a jovem, gargalhando como se não risse há um ano – É divertido estar com o senhor! Veja: aqui há um banco; vamos sentar-nos! Por aqui ninguém passa; ninguém pode ouvir-nos, então comece a sua história! Pois o senhor não vai me convencer; o senhor tem uma história, está apenas se escondendo. Em primeiro lugar, o que é um tipo?

- Um tipo? Um tipo é um indivíduo original, uma pessoa ridícula...! – respondi, rindo também junto com o seu riso infantil. É um caráter assim. Escute, sabe o que é um sonhador?

- Um sonhador? Claro, como não saber? Eu mesma sou uma sonhadora! Às vezes, quando estou sentada ao lado de minha avó, quantas coisas passam pela minha cabeça! Assim, começo a sonhar e devaneio tanto, que simplesmente estou casando-me com um príncipe chinês... Mas às vezes isso me faz tão bem - sonhar! Não, aliás, só Deus sabe! Sobretudo quando a gente tem outras coisas em que pensar – acrescentou a moça desta vez com bastante seriedade.

- Excelente! Uma vez que a senhorita já se casou com um príncipe chinês, então me compreenderá perfeitamente. Então, escute... Mas, permita-me: ainda não sei o seu nome.

- Finalmente! O senhor se lembrou a tempo!

- Ah, meu Deus! É que não me ocorreu, eu estava tão bem assim...

- Me chamo Nastenka.⁴

- Nastenka! E só?

- Só? Parece-lhe pouco, seu insaciável?

- Pouco? É muito, muito, ao contrário, é muitíssimo, Nastenka! A senhorita é uma moça muito bondosa, pois desde a primeira vez me permite que a chame de Nastenka.

- É isso, então?

- Bem, Nastenka, escute só e verá que história engraçada.

Sentei-me ao seu lado, tomei uma pose pedantemente séria e comecei, como se lesse um escrito.

-Existem, Nastenka, se a senhorita não sabe, existem em Petersburgo recantos bastante estranhos. Nesses lugares, parece que não penetra aquele mesmo sol que brilha para todas as pessoas de Petersburgo, mas penetra algum outro, novo, enviado como que sob encomenda para esses recantos, e ilumina tudo com uma luz diferente, especial. Nesses lugares de que lhe falo, querida Nastenka, vive-se uma vida completamente diferente, uma vida que não se assemelha à que ferve a nossa volta, uma vida que poderia ser em um reino distante e desconhecido, mas não junto a nós, nesta nossa época séria, tão extremamente séria. Essa mesma vida é uma mistura de algo puramente fantástico, calidamente ideal e, ao mesmo tempo (ai, Nastenka!), palidamente prosaica e comum, para não dizer: incrivelmente vulgar.

- Ufa! Que introdução, Deus meu! O que mais ouvirei?

- Vai ouvir, Nastenka (tenho a impressão de que nunca me cansaria de chamá-la Nastenka), a senhorita vai ouvir que nesses recantos vivem pessoas estranhas: os sonhadores. Um sonhador, se é necessária uma definição detalhada, não é um homem, mas sim, sabe, uma criatura de gênero neutro. Na maioria das vezes, ele habita em um recanto inacessível, como se quisesse esconder-se até da luz do dia, e uma vez que se recolhe à sua casa, gruda-se em um canto como um caracol; ou, pelo menos nesse aspecto, ele se parece muito com aquele animal curioso, que é animal e casa ao mesmo tempo, e que se chama tartaruga. Por que a senhorita acha que ele ama tanto as suas quatro paredes, invariavelmente pintadas de verde, denegridas, tristes e insuportavelmente enegrecidas pelo fumo? Por que é que esse senhor ridículo, quando vai visitá-lo algum de seus reduzidos conhecidos (e ele termina por perder todos os seus conhecidos), por que este homem ridículo vai a encontro tão confuso, com o rosto tão transfigurado, tão coibido, como se tivesse cometido neste momento em suas quatro paredes um crime, como se tivesse fabricado bilhetes falsos ou alguns poemas para enviá-los a alguma revista, acompanhados por uma carta anônima, anunciando que o verdadeiro autor dos versos já morreu, e ele, seu amigo, se considera no dever sagrado de publicar as suas obras? Por que, diga-me, Nastenka;

⁴ Diminutivo e forma familiar de Anastacia

a conversa não se desenrola entre estes dois interlocutores? Por que nem riso, nem alguma palavra ousada não escapa dos lábios do repentinamente aparecido e perturbado conhecido, que em outras ocasiões gosta muito das palavras espirituosas e conversas sobre o belo sexo e outros temas alegres? Por que enfim este conhecido, provavelmente conhecido recente, já na primeira visita – porque neste caso a segunda não acontecerá, pois o conhecido não voltará outra vez – por que esse mesmo conhecido, ele mesmo, apesar de todo seu senso de humor (supondo que possua esse dom), está perturbado, olhando a cara desesperada do dono da casa, que por sua vez, já conseguiu se perder e ficar completamente desorientado, depois dos esforços sobre-humanos, mas inúteis, de animar e colorir a conversa, mostrar que também conhece as boas maneiras mundanas, também começar a falar do belo sexo, e pelo menos com esta resignação, conquistar a simpatia do hóspede, que por acaso teve a má idéia de cair ali por engano? E por que ainda o visitante agarra seu chapéu, e se despede depressa, recordando de súbito algo imprescindível, que nunca existiu, e livrando-se de qualquer maneira dos cumprimentos calorosos do anfitrião, o qual se esforça de todas as maneiras para mostrar seu arrependimento e reparar o que foi perdido? Por que, enfim mal fechada a porta atrás de si, começa o conhecido a rir, e por que jura a si mesmo nunca voltar a visitar este excêntrico, apesar de que, no fundo, aquele excêntrico seja uma excelente pessoa, e ao mesmo tempo não pode negar à sua fantasia o ligeiro prazer de comparar, mesmo de maneira remota, a fisionomia do seu recente interlocutor durante toda a visita, com a de um infeliz gatinho que foi pisado, aterrorizado e tivesse sido maltratado por crianças, aprisionando ele com astúcia, totalmente confuso, até que acaba refugiando-se debaixo de uma cadeira em um lugar escuro, e ali, por uma hora inteira, é obrigado a eriçar o pêlo, bufar e lavar o maltratado focinho com as duas patas, e muito tempo depois a considerar com hostilidade a natureza, a vida, e até mesmo as sobras da mesa do almoço do dono, guardadas para ele por uma criada piedosa?

- Escute - interrompeu Nastenka, que todo esse tempo estava me ouvindo surpresa, abrindo os olhos e boquinha - escute: eu absolutamente não sei por que razão aconteceu tudo isso, e por que o senhor mesmo me dirige perguntas tão ridículas; mas o que sei, com certeza, é que todos esses incidentes aconteceram infalivelmente com o senhor, palavra por palavra.

- Sem dúvida – respondi, com o rosto mais sério.

- Bem; se não há dúvida, então continue - disse Nastenka - pois agora gostaria muito de saber como isso termina.

- A senhorita quer saber, Nastenka, o que fazia em seu canto o nosso herói, ou melhor dizendo, eu, pois o herói desta história sou eu, minha própria modesta pessoa; quer saber por que razão fiquei tão perturbado e perdido um dia inteiro por causa da inesperada visita de um conhecido; quer saber por que razão fiquei tão sobressaltado e ruborizado quando abriram a porta do meu quarto; quer saber por que não soube como receber o visitante, e sucumbi tão vergonhosamente sob o peso de minha própria hospitalidade?

-Sim, sim - respondeu Nastenka - aí que está. Escute: o senhor conta tudo maravilhosamente bem, mas será que não poderia contá-lo de uma maneira menos maravilhosa? Porque o senhor fala como se lesse um livro.

- Nastenka – respondi, com voz imponente e severa, fazendo esforços para não rir -, minha querida Nastenka, eu sei que falo as coisas de maneira maravilhosa; mas perdoe, não sei contá-las de outro modo. Agora, querida Nastenka, pareço com aquele gênio do rei Salomão, que esteve mil anos encerrado em uma caixinha, selada com sete selos, e da qual finalmente retiraram todos os sete selos. Agora, querida Nastenka, quando nos encontramos novamente, depois de uma separação tão longa - pois eu a conheci faz muito tempo, Nastenka, porque já faz muito tempo que ando em busca de alguém; e é um sinal de que procurava justamente a senhorita, e de que o Destino havia escrito que havíamos de encontrar-nos precisamente agora -, agora se abriram mil torneiras em minha cabeça e tenho de me derramar feito um rio de palavras, senão ficaria sufocado. Então, peço-lhe, Nastenka, não me interrompa e me escute dócil e resignadamente; do contrário me calarei.

- Não, não, não! De modo algum, continue! Agora não direi uma palavra.

- Então continuo. Existe uma hora do meu dia, querida Nastenka, que amo extraordinariamente. É aquela hora em que terminam todos os negócios, ofícios e compromissos e todos se dirigem para suas casas, a fim de comer e descansar, e aqui mesmo, no caminho, inventam outros assuntos alegres para a tarde, a noite, e para todo o tempo livre que ainda reste. Nessa hora costuma também o nosso herói (permitirá, Nastenka, que fale de mim na terceira pessoa, porque é vergonhoso contar tudo isso na primeira pessoa), nessa hora, repito, costuma o nosso herói, que também não estava à toa, seguir seu caminho como todo mundo. Mas uma estranha sensação de prazer cintila em seu rosto pálido e abatido. Ele olha com interesse o crepúsculo que se apaga lentamente no céu frio de Petersburgo. Quando digo olha, estou mentindo: ele não olha, mas contempla distraidamente, como se estivesse cansado ou ocupado com algo mais interessante naquele momento; tanto que apenas de modo fugaz, quase sem querer, ele pode conceder tempo para observar à sua volta. Está contente, pois já deu por terminada, até o dia seguinte, sua tarefa enfadonha; se sente alegre como um estudante liberado da escola e que pode agora entregar-se aos seus jogos e distrações prediletos. Olhe furtivamente para ele, Nastenka: verá de imediato que a sensação de alegria já agiu de modo favorável sobre seus nervos débeis e sobre a fantasia morbidamente excitada. Ele está pensando em algo... Acha que ele pensa em seu jantar? Ou como ele vai passar sua noite? O que ele tanto olha? Será aquele cavalheiro que, com tanta cortesia e, entretanto, de modo tão pitoresco, cumprimenta aquela dama que passa perto naquele magnífico carro? Não, Nastenka; que lhe importam todas essas minúcias? Ele é rico de sua própria vida, de uma vida sua, particular; ele subitamente se tornou rico, e o raio de despedida do sol poente não brilhou em vão, tão alegremente, despertando em seu coração acalentado um enxame inteiro de sensações. Agora, já mal repara no caminho, cujas menores minúcias poderiam surpreendê-lo. A “deusa da fantasia” (se você leu Jukovski, querida Nastenka), já teceu com a sua mão habilidosa sua trama dourada, e se lançou a desenrolar os arabescos de uma vida extraordinária e prodigiosa; e talvez, quem sabe,

com a sua mão caprichosa já o tenha transportado para o sétimo céu de cristal da excelente calçada de granito, pela qual vai para casa. Tente detê-lo, pergunte-lhe subitamente: onde está agora? Por que ruas andou? Decerto ele não se lembraria de nada: nem por onde andou, nem onde está agora. E, enrubescido de vergonha, inventaria alguma desculpa para salvar as aparências. Aí está por que estremeceu tanto, quase gritou e olhou ao redor com espanto quando uma velhinha muito respeitável deteve-o de modo cortês, no meio da calçada, e começou a indagá-lo sobre o caminho que ela havia perdido. Carrancudo de despeito, caminha para frente, sem notar que mais de um transeunte sorriu ao vê-lo e voltou-se para segui-lo com o olhar, e que uma menininha, que assustada lhe deu passagem, começa a rir em voz alta, olhando com seus olhos arregalados o seu largo sorriso contemplativo e os gestos de suas mãos. Mas já essa mesma fantasia carregou em suas asas travessas a velhinha e os transeuntes curiosos, e a menina sorridente, e os barqueiros que estão jantando nas suas barcas, aglomeradas no rio Fontanka (suponhamos que o nosso herói estava passando lá nesta hora), ela caprichosamente teceu tudo e todos na sua trama como a teia de aranha leva as moscas, e com a nova aquisição, entra o excêntrico em sua toca consoladora, já sentou-se para jantar, já terminou de comer e só voltou a si quando a pensativa e triste Matriona, que servia a ele, já retirou a mesa e lhe ofereceu o cachimbo; acordou e lembrou com surpresa que já havia acabado de jantar, sem ter percebido como isso aconteceu. Escureceu em seu quarto; a sua alma está vazia e triste. O reino inteiro de sonhos estava se desmoronando à sua volta, sem deixar vestígio, sem ruído e estrondo, passou como o sonho, e ele sequer poderia dizer sobre o que estava sonhando. Mas uma obscura sensação, da qual levemente dói e se agita o seu coração, algum novo desejo já o seduz e está provocando sua fantasia, e sem perceber evoca um enxame inteiro de novos fantasmas. Em seu quatinho impera o silêncio; o isolamento e a preguiça acariciam sua imaginação, ela começa a inflamar-se levemente; e levemente começa a ferver como a água na cafeteira da velha Matriona que serenamente se ocupa por ali perto, na cozinha, preparando seu café da empregada. E eis que a imaginação se desgarrar em leves explosões, e um livro apanhado sem propósito e ao acaso cai das mãos do meu sonhador, sem que ele tenha alcançado a terceira página. De novo despertou nele a força da imaginação; e de repente novamente o mundo novo, a nova vida encantada brilha com a sua perspectiva brilhante. Um novo sonho, uma nova felicidade! Uma nova dose do veneno sutil e voluptuoso. Oh, que E interessa nossa vida real? Aos seus olhos enfeitiçados, você, Nastenka, e eu, levamos uma existência tão preguiçosa, lenta e apagada... Estamos todos, segundo ele, tão descontentes com a nossa sorte e tão entediados com a nossa existência... E é verdade, basta que você veja como tudo é frio, árido e hostil entre nós, à primeira vista. "Coitados!", pensa o meu sonhador. E não é de admirar que assim pense. Você não vê que essas visões mágicas que ante ele surgem tão encantadoramente, tão caprichosamente, tão ilimitadamente... formam diante dele um quadro tão mágico, tão animado, visões em cujo primeiro plano aparece, nem é preciso dizê-lo, sempre ele, o nosso sonhador, com seu eu querido. Veja que aventuras variadas, que série infinita de sonhos extasiantes! Você se pergunta, talvez: "Mas com que ele sonha?" Mas que necessidade há de o perguntar? Simplesmente com tudo... Com o papel de um poeta que a princípio não é reconhecido e depois coroado; com sua amizade com Hoffmann, com a noite de São Bartolomeu;

com Diana Vernon; com um papel heróico na tomada da cidade de Kazan pelo czar Ivan; Clara Movbrai, Evfia Dens; Gous diante o julgamento com a ressurreição dos mortos em Roberto o Diabo (recorda essa música? “cheira a cemitério!”); com Minna e Brenda, com a batalha de Beresina; com a recitação de uma poesia na casa da condessa V. D.; com Danton, Cleópatra e “i suoi amanti”, com uma casinha de Kolomna; com um lugarzinho próprio e ao lado a criatura querida que o escuta numa tarde de inverno com a boquinha e os olhos abertos, tal como a senhorita me escuta agora, meu anjinho pequenino... Não, Nastenka, que lhe importa, ao nosso preguiçoso voluptuoso, que lhe interessa esta vida que nós, Nastenka, queremos tanto? Ele pensa que é uma pobre, mísera vida, mas sem prever que talvez para ele também soará uma hora triste quando ele dará todos os seus anos de fantasia, em troca de um só dia desta vida miserável, e nem será pela alegria e pela felicidade, e não vai querer nem mesmo escolher nesta hora de tristeza, arrependimento e irremediável desgraça. Mas, no momento, ainda não chegou esse dia terrível - ele nada deseja, porque está acima de todo desejo, porque já possui tudo, porque já está saturado e ele mesmo é o artista de sua vida, e pode modelá-la a seu capricho, a todo instante. E surge tão fácil, tão naturalmente esse mundo fabuloso, fantástico! Como se tudo isto não fosse um fantasma mesmo! Na verdade, em certos momentos, está pronto para crer que toda essa vida não é uma exaltação do sentimento, não é uma miragem, não é uma imaginação enganosa, mas que é mesmo real, presente, existente. Por que, diga-me, Nastenka: por que nesses momentos é cortada a respiração? Por que, como por efeito de um sortilégio inexplicável, bate mais depressa o pulso, correm as lágrimas dos olhos do sonhador, ardem suas faces pálidas e umedecidas, e todo o seu ser parece fundir-se em uma poderosa felicidade? Por que noites inteiras sem sono passam, como se fosse um momento, numa inesgotável alegria e satisfação, e quando a aurora brilha com um raio rosado nas janelas, e o amanhecer ilumina o quarto sombrio com sua luz incerta e fantástica, como a que temos em Petersburgo, o nosso sonhador fatigado e atormentado, lança-se ao leito e adormece exausto de êxtase do seu espírito atormentado e abalado, e com a dor tão angustiante e doce em seu coração? Sim, Nastenka; é fácil enganar-se, e acreditar que uma paixão genuína e verdadeira agita sua alma, acreditar involuntariamente que há algo vivo e palpável em seus sonhos incorpóreos. Mas que engano! Por exemplo, o amor surgiu no seu peito, com sua alegria infinita, com todos os tormentos angustiantes... Apenas olhe para ele e certifique-se! Você acreditaria, olhando-o, querida Nastenka, que ele sequer conhece aquela que em seus sonhos encantados amava tanto? É possível que ele só a tenha visto em suas visões sedutoras, que esta paixão não passe de um sonho? Será que de fato eles não passaram de mãos dadas tantos anos de suas vidas - a sós, os dois, renunciando ao resto do mundo e unindo cada um o seu mundo, a sua vida, ao mundo do outro? Não terá sido ela, em uma hora tardia, quando chegou o momento da separação, não terá sido ela que estava deitada no peito dele, soluçando e sofrendo, sem perceber a tempestade que se desencadeava sob o céu áspero, sem perceber o vento que arrancava e arrastava lágrimas de seus cílios negros? É possível que isto não tenha sido mais que um sonho - esse jardim triste, abandonado e selvagem com as veredas cobertas de musgo, isolado e sombrio, em que eles tantas vezes passearam juntos, cheios de esperanças e angústias, e se amaram por tanto tempo, "tão longa e ternamente"? E essa estranha casa ancestral, na qual tanto tempo viveu ela só e triste,

com aquele marido velho e taciturno que, eternamente calado e amargo, assustador para eles, que, tímidos como crianças, escondiam seu amor um do outro? Como sofriam, como temiam, como era puro e inocente o seu amor, e como eram maus (é lógico, Nastenka), os homens! E, santo Deus! Não voltou a vê-la, com o correr do tempo, longe das margens da pátria, sob um céu estranho meridional, quente, numa divina cidade eterna, num brilho de baile e ao som possante de música em palazzo (certamente em palazzo) mergulhado em mar de fogos, neste balcão coberto por mirtos e rosas onde ela, reconhecendo ele, tirou a sua máscara, murmurando: “sou livre”. Estremecida, se jogou nos braços dele, exclamando em êxtase, apertando um contra outro. Eles num instante esqueceram a desgraça, a separação, todos os tormentos, o velho, o jardim sombrio na pátria longínqua, o banco em que com o último apaixonado beijo, ela se desprende de seus braços entorpecidos em tormento desesperado? Oh, sim! Você concorda Nastenka, que não é senão natural que alguém fique corado, confuso, como colegial, que acabou de guardar no bolso uma maçã roubada do jardim vizinho, quando de súbito se abre a porta do quarto e algum moço alto, forte, gracejador e alegre, o seu amigo inesperado abre a sua porta e exclama como se nada tivesse acontecido: "Olá, irmão, venho de Pavlovsk neste instante!". Meu Deus! O velho conde havia morrido e a felicidade inconcebível aconteceu. E aqui sem mais nem menos, as pessoas vem de Pavlovsk!

Calei-me pateticamente terminando as minhas patéticas exclamações. Recordo que ainda tinha uma vontade espantosa de romper em gargalhadas de qualquer modo, pois já sentia que em mim começava a remover-se algum diabinho hostil, que minha garganta começava a ficar presa, queixo a contrair-se, e que mais e mais, meus olhos se umedeciam.

Esperava que Nastenka, que me olhava abrindo seus olhinhos inteligentes, começasse a rir de seu modo infantil, incontido, alegre, e lamentava ter chegado tão longe em minhas confidências e ter E contado algo que fazia tanto tempo fervia no meu coração, e podia, portanto, expor como se estivesse lendo em um livro, porque já faz muito tempo que me condenei a uma sentença, e agora, não me tinha contido para não pronunciar essa sentença, reconheço, sem esperar de ser compreendido. Mas, para minha surpresa, ela permaneceu calada, um momento depois, apertou-me levemente a mão, perguntou-me com um tom de simpatia terna:

- Mas é verdade que passou assim toda a sua vida?

- Toda a minha vida, Nastenka - respondi -, toda a minha vida e me parece que é assim que vou terminar.

- Não, isso não! Não é possível que assim seja - protestou ela, com visível inquietação – isso não vai acontecer. Se é assim, também vou passar toda minha vida ao lado de minha avó. Escuta, sabe que não é nada bom viver assim?

- Bem o sei, Nastenka, bem o sei - exclamei, sem conter meus sentimentos. - E agora sei, melhor do que antes, que perdi inutilmente os melhores anos de minha vida. Sim, eu o sei, e este reconhecimento me faz sofrer agora mais do que nunca, já que o próprio Deus me enviou você, meu anjo bom, para o dizer e provar. Agora que estou

sentado a seu lado, e falo com você, tenho medo até de pensar no futuro, porque no futuro será outra vez solidão, outra vez essa mesma vida bolorenta e inútil; e com que poderei sonhar se desperto já fui tão feliz ao seu lado? Oh, bendita seja a senhorita, minha querida, por não ter me rejeitado logo na primeira vez, porque agora posso dizer que vivi, ao menos, duas noites em minha vida!

- Ah, não, não! - exclamou Nastenka, e lágrimas brilhavam em seus olhos. - Não, isso não deve acontecer. Não nos separaremos assim. Que história é essa de duas noites?

- Ah, Nastenka, Nastenka! Sabe que, por muito tempo, você me reconciliou comigo mesmo? Sabe que, agora, já não penso tão mal de mim mesmo, como pensava em outros momentos? Sabe que talvez não volte a me preocupar por ter cometido um pecado e delito, já que semelhante vida é pecado e delito? E não creia que exagero de modo algum, Nastenka; não creia isto, pelo amor de Deus! Há momentos em que fico tomado de tal angústia, de tal angústia... Nesses momentos já começa a me parecer que nunca serei capaz de começar a viver uma vida autêntica, porque já me parecia que tinha perdido todo o tato, todo o senso do autêntico, do real, porque enfim, eu maldizia a mim mesmo; porque depois das minhas noites fantásticas, sou tomado por momentos de lucidez, que são terríveis. Entretanto, sente-se que ao redor gira e ressoa uma multidão de pessoas no turbilhão da vida, sente-se e vê-se como as criaturas vivem; vivem a vida real e despertos, e que sua vida para eles não é proibida, que sua vida não vai se dissipar como um sonho, como uma visão, que sua vida eternamente se renova e é eternamente jovem, e nela nenhuma hora é igual à seguinte, enquanto a medrosa fantasia é tristonha e monótona, uma escrava de sombra, idéia, escrava da primeira nuvem que de súbito cobre o sol e aperta com angústia o verdadeiro coração do habitante de Petersburgo, que tanto valoriza o seu sol, e já na angústia, que fantasia! Sentimos que, afinal, ela se cansará e se esgotará nessa sua eterna tensão, que parecia inesgotável, pois nos tornamos mais maduros e viris e superamos nossos ideais antigos; eles se reduzem a pó e cascalho. E se não houver outra vida, temos que construí-la com os mesmos cascalhos. E, no entanto, nossa alma quer e pede algo totalmente diferente! E em vão o sonhador remexe como que nas cinzas em seus antigos sonhos e buscando nessas cinzas pelo menos uma centelhazinha, para nela soprar, e com o novo fogo assim criado, acalentar o coração arrefecido e ressuscitar nele tudo que antes era querido, o que comovia a alma e arrebatava o sangue, aquilo que arrancava as lágrimas aos olhos e enganava esplendidamente. Sabe, Nastenka, até que ponto cheguei? Sabe que já estou obrigado a celebrar o jubileu de minhas sensações, o aniversário do que foi um dia tão belo e, entretanto, nunca existiu realmente, pois esses aniversários comemoram todos os mesmos sonhos vãos e bobos, e tenho de fazer isto, porque sequer esses estúpidos sonhos não existem, porque não há como se desfazer deles, porque os sonhos também se desfazem! Sabe, gosto agora, de lembrar e visitar, a certas horas, os lugares em que um dia fui feliz à minha maneira, gosto de construir o meu presente em sintonia com passado irrevogável, e muitas vezes vagando como sombra sem necessidade e nem propósito pelos becos e ruas de Petersburgo. Quantas lembranças! Recordo, por exemplo, que faz um ano justo que, aqui, neste mesmo tempo e nesta mesma hora, nesta mesma calçada estava caminhando tão só e triste como hoje. E

recordo que os meus pensamentos naquele tempo eram tristes, e apesar de que também o passado não era melhor, mas se sente que, de alguma forma, a vida era mais plácida, e não tivesse tido sobre a alma esse pensamento negro, que agora me persegue, que não senti esses remorsos de consciência, remorsos sombrios e tristes que não me deixam um instante de repouso, nem de dia, nem de noite. E você se pergunta: "Onde estão meus sonhos?" E você sacode sua cabeça e diz: "Como os anos passam depressa!" E se pergunta novamente o que fez com seus anos, onde sepultou o melhor tempo de sua vida? Você viveu ou não? "Olha", diz a si mesmo, "olha como tudo se congela no mundo." Passarão ainda alguns anos, e então virá a taciturna solidão, virá com suas muletas a velhice trêmula, trazendo consigo a angústia e a desolação. Seu mundo fantástico perderá seu colorido, se murcharão e morrerão seus sonhos, e cairão como caem as folhas secas das árvores. Oh, Nastenka! Que tristeza, então, encontrar-se só, inteiramente só, e não ter sequer de que poder lamentar-se... Nada, absolutamente nada! Pois tudo o que perdemos, tudo isso nada era, nada, um zero estúpido e redondo - não passava de um sonho.

- Não me deixe mais compadecida! - exclamou Nastenka, e enxugou a lagrimazinha que corria por seu rosto. - Agora já acabou tudo isso. Daqui em diante, ficaremos juntos e não nos separaremos, aconteça o que acontecer comigo. Escute: eu sou uma moça simples; estudei muito pouco, embora a minha avó tenha me contratado um professor; mas, acredite, eu o entendo muito bem, pois tudo isso que contou, eu mesma o vivi, quando estava presa junto ao vestido de minha avó. Claro que eu não poderia contar tão bem quanto o senhor, eu não tinha estudos - acrescentou timidamente, pois ainda sentiu algum respeito à minha fala patética e o meu estilo elevado. - Mas eu me alegro muito de que você tenha se aberto comigo inteiramente. Agora o conheço a fundo. E sabe o que? Quero lhe contar também a minha história, tudo, sem nada esconder e depois há de me dar um conselho. O senhor é um homem muito inteligente, me prometa que me dará este conselho.

- Ah, Nastenka! - respondi. - Eu nunca atuei como conselheiro e nem tampouco como um conselheiro sábio; mas agora eu vejo que se nós vamos viver sempre assim, então isso será sempre muito inteligente, e cada um dará ao outro muitos conselhos inteligentes! Agora, encantadora Nastenka: que conselho é esse de que você precisa? Diga-me sem rodeios. Eu estou agora tão contente, tão feliz, ousado e inteligente que a resposta estará na ponta da língua.

- Não, não! - interrompeu Nastenka, rindo - Eu não necessito somente de um conselho inteligente, mas de um conselho que nasça do coração, fraternal, como se o senhor me tivesse querido bem a vida inteira.

- Bem, Nastenka: combinado! - exclamei entusiasmado. - E se eu já tivesse vinte anos de lhe querer bem, não a amaria mais fortemente do que neste momento.

- Dê-me a sua mão! - disse Nastenka.

- Aqui a tem! - respondi estendendo-lhe a mão.

- Bem, comecemos a minha história.

A história de Nastenka

- Metade da minha história o senhor já conhece; quero dizer, já sabe que eu tenho uma velha avó...

- Se a outra metade é tão curta como esta... – interrompi, sorrindo.

- Cale-se, e escute. Antes de mais nada, uma condição: não me interromperá, pois senão acabarei por ficar confusa. Portanto, escute-me quieto. Eu tenho uma velha avó. Vivo com ela desde pequena, pois perdi meu pai e minha mãe. Suponho que minha avó tenha sido mais rica em outros tempos, pois agora se recorda de dias melhores. Foi ela quem me ensinou o francês, e depois me arranhou um professor. Aos quinze anos (agora tenho dezessete), deixei os estudos. Nesse tempo foi que fiz aquela travessura. O que eu fiz não vou lhe contar, basta dizer que a falta não era de tanta importância. Só que certa manhã fui chamada por minha avó que me disse que, por causa da cegueira, não podia vigiar-me, então pegou um alfinete e prendeu com ele o meu vestido ao seu, e disse que assim havíamos de passar a vida toda, se eu, naturalmente, não me comportasse melhor. Em uma palavra, nos primeiros tempos não foi possível me afastar: trabalhar, ler e estudar - tudo isto perto da avó. Uma vez tentei recorrer a uma artimanha, e convenci Fiokla que sentasse no meu lugar. Fiokla é nossa criada, ela é surda. Fiokla se sentou no meu lugar; a avó adormeceu em sua cadeira neste tempo, e eu saí para ver uma amiga aqui perto. Mas acabou mal: a avó despertou sem mim por perto, e perguntou qualquer coisa, pensando que eu estava sentada quieta no meu lugar. Mas Fiokla viu que a avó estava perguntando algo, mas não entendia o que. Pensou, pensou no que fazer, tirou o prendedor e saiu correndo...

Então Nastenka parou e começou a rir. Eu ri junto com ela. Ela imediatamente deixou de rir.

- Olhe, não se ria de minha avó. Eu sim, estou rindo porque é engraçado... Que se há de fazer, se a avó é assim mesmo? Mas mesmo assim eu a amo um pouquinho. Bem, na ocasião me custou caro e imediatamente tive de me sentar no meu lugar, e eu não podia nem me mexer. Ah! Esqueci de dizer que nós, ou melhor, a minha avó, é proprietária de uma casa, uma casinha pequena, de madeira, só com três janelas na fachada, e é tão velha como a avó. Mas tem um mezanino na parte alta e certa vez mudou-se para lá um novo hóspede...

- Então tinham também um hospede, antes? - perguntei como de passagem.

- Claro que sim - respondeu Nastenka - e por certo sabia guardar silêncio melhor que o senhor. É verdade que ele mal podia mover a língua. Ele era um velhinho magro, mudo, cego e manco, assim que não foi possível continuar muito tempo neste mundo, e ele tomou o partido de morrer. Então tivemos de procurar novo inquilino, porque sem um inquilino não podemos sobreviver: isso e a pensão da avó são nossos únicos recursos. O novo inquilino, como se fosse de propósito, era um jovem, e não era daqui, era um visitante... Como nem tentou regatear o quarto, a avó o aceitou; e depois ela me perguntou: "Escute, Nastenka: o novo inquilino é jovem ou não?" Eu não

quis mentir, e lhe disse: "Inteiramente jovem não é, vovó, mas também não é um velho." "E que aspecto tem? Distinto?" continuou ela a perguntar. Eu também não quis mentir: "Sim, vovó; tem um aspecto distinto."

Mas a avó falou:

- "Que castigo, que castigo!" Digo-lhe isto, minha netinha, para que você não o olhe com freqüência demais. Que tempos são estes! Um inquilino insignificante e ainda por cima de aspecto distinto... Antigamente tudo era diferente.

"A avó estava sempre evocando o tempo passado: no tempo passado ela era mais jovem, e o sol mais quente, e a nata do leite não azedava tão depressa como agora. Tudo era melhor no tempo passado. Então fiquei sentada e calada, no íntimo me perguntando: 'Que intenção terá tido comigo a avó ao perguntar se o inquilino é jovem e de aspecto distinto?' Mas foi apenas um pensamento fugaz, e logo me pus outra vez a contar os fios e continuei tecendo meias, e depois esqueci completamente. Mas, certa manhã, entrou de repente o inquilino na sala em que nós estávamos, para perguntar pelo papel de parede que lhe tínhamos prometido para seu quarto. Conversa vai, conversa vem, a avó é uma tagarela, e me disse: 'Olhe, Nastenka; vá até meu quarto e traga o ábaco.' Eu me pus de pé em um salto; enrubesci, não sei por que, e esqueci completamente de que estava presa às roupas dela, e em vez de tirar, escondido, o alfinete, para que o inquilino não o visse, dei um puxão tão forte, que a poltrona da vovó se moveu. Mas eu, vendo que o inquilino tinha compreendido tudo, fiquei ainda mais vermelha e pregada no chão, e de repente me pus a chorar; de tanto sentir vergonha e amargura, tive vontade de sumir! A avó gritava: 'Por que está parada?' - e eu redobrando de pranto. Então compreendeu o inquilino que minha vergonha era por estar diante dele, e se despediu depressa e foi embora.

"A partir daquele tempo, mal percebia o menor ruído na ante sala, ficava como que morta. 'Será o inquilino que está chegando?' pensava, e tirava o alfinete às escondidas, por via das dúvidas. Mas nunca era ele... Ele não vinha. Assim transcorreram duas semanas. Um dia, nos mandou dizer por Fiokla que tinha livros em francês e que todos eram muito bons, assim que poderíamos lê-los, e que a avó poderia querer que eu lesse alguma coisa para distraí-la. Vovó aceitou agradecida, mas sempre perguntava se eram livros decentes ou não, 'porque, se são imorais, você não os poderá ler de modo algum, Nastenka, pois aprenderia neles coisas ruins."

- Então que é que aprenderei, vovó? - perguntei. – O que está escrito neles?

- Ah, disse, está descrito neles como os jovens seduzem as moças decentes com a promessa de casar-se com elas, as tiram da casa de seus pais, e depois abandonam essas moças desventuradas ao capricho do destino e elas terminam do modo mais lamentável. Eu - disse a avó- li muitos livros desses, descrevem tudo tão bem, que a gente passa uma noite lendo com calma. É por isto, Nastenka, cuidado, não lê estes livros. Que livros são os que ele mandou?

- São só novelas de Walter Scott, vovó - disse eu.

- Ah! Novelas de Walter Scott. Mas vá com muito cuidado, que não haja entre elas alguma coisa suspeita. Olhe bem se ele não terá posto neles alguma cartinha de amor!

- Não, vovó - falei - não tem cartinha.

- Pois olhe bem até na encadernação; às vezes eles, malandros, colocam até na encadernação.

- Não, vovó - disse eu - também não há nada na encadernação.

- Pois então está bem! - respondeu.

“E assim começamos a ler Walter Scott, e dentro de um mês já tínhamos dado conta de quase metade. Depois ele nos mandou mais e mais. Mandou os de Puschkin, de modo que eu já não conseguia viver sem livros, e parei de pensar como eu podia casar-me com um príncipe chinês.

“Assim estavam as coisas, quando um dia por acaso me encontrei com o nosso inquilino na escada. A avó tinha me mandado buscar não sei o que. Ele ficou parado, eu enrubesci... e ele também ficou vermelho; mas começou a rir, me cumprimentou, perguntou pela saúde da avó e perguntou: ‘Então, você já leu os livros?’ Eu disse: ‘Sim, já li.’ Ele: ‘E de qual gostou mais?’ Respondi: ‘Gostei mais de Ivanhoé e de Puschkin.’ E assim terminou por aquela vez.

“Ao fim de uma semana, ele me encontrou de novo na escada. Apenas nesse dia a avó não me tinha mandado buscar nada, mas era eu que precisava de alguma coisa. Seriam umas duas horas da tarde, e nessa hora o inquilino vinha para casa.”

- Boa tarde! - disse-me.

- Boa tarde! – respondi a ele.

- Não se aborrece por ficar todo o santo dia sentada junto de sua avó? - perguntou ele.

“Ao ouvir aquela pergunta, não sei por que... fiquei vermelha, e senti vergonha, e de novo me senti ofendida porque os outros começaram a perguntar sobre essa história. Fiquei tentada a retirar-me sem responder-lhe, mas me faltaram as forças.”

- Escute, falou, você é uma boa moça. Perdoe que lhe fale assim, mas lhe garanto que desejaria-lhe mais bem do que a sua avó. Não tem algumas amigas que você poderia visitar?

“Eu lhe respondi que não tinha nenhuma, tive uma só - Maschenka, mas ela foi para Pskov.”

- Escute, não gostaria de ir comigo ao teatro? - perguntou.

- Ao teatro? - perguntei também. - E minha avó?

- E você não poderia ir escondida da avó?

- Não, não quero enganar a vovó. Adeus!

- Adeus! - e não falou mais nada. Mas depois do almoço, desceu para nos visitar, sentou-se, ficou longamente falando com a vovó, perguntou-lhe se saía de casa para algum lugar, se tinha algumas amizades... E, de repente, disse:

- Tomei um camarote para esta noite na ópera: apresentam *O barbeiro de Sevilha*; os meus amigos queriam ir junto, mas depois desistiram, e eu fiquei com os ingressos comigo!

- O barbeiro de Sevilha! - exclamou minha avó. - É o mesmo Barbeiro que cantavam antigamente?

- Sim - respondeu ele - aquele mesmo - e me olhou. Mas eu já tinha compreendido tudo e fiquei vermelha, e o coração me batia na expectativa.

- Mas então eu o conheço - exclamou a avó. - Como não havia de conhecer se eu mesma representei a Rosina no teatro amador nos velhos tempos!

- E não gostaria de ir hoje? - perguntou ele. - Tenho bilhetes sobrando.

- Bem; pois, por mim, podemos ir! - exclamou a avó. - Por que não havíamos de ir? Pois a minha Nastenka nunca esteve num teatro.

“Que alegria, santo Deus! Nós nos arrumamos rápido, e fomos. Vovó, mesmo sendo cega, queria ouvir a música. Ela é uma velhinha muito boa: ela fazia isto, sobretudo, para que eu me divertisse, pois nunca teríamos ido sozinhas. Que impressão faria em mim *O Barbeiro de Sevilha*...! Não é preciso que eu o diga. Durante a noite inteira, o nosso inquilino olhava para mim tão bem, falava tão bem, que eu adivinhei logo que o que ele quis naquela manhã era só me testar, propondo de ir sozinha com ele. Que prazer! Quando me deitei naquela noite, estava tão orgulhosa, tão alegre, o coração me batia com tanta força, que até tive um pouquinho de febre, e passei a noite inteira delirando com o Barbeiro de Sevilha.

“Eu pensava, que depois disso ele havia de vir com mais e mais freqüência, mas me enganava. Ele quase parou completamente. Acontecia uma ou outra vez por mês que passava a nos ver, e mesmo só para nos convidar ao teatro. Fomos mais duas vezes. Mas eu não estava nem um pouco feliz. Eu bem via que só lhe inspirava pena, por ser tão maltratada pela avó; e mais nada. E quanto mais se prolongava aquilo, tanto mais penoso era para mim; não podia estar sentada, nem ler, nem trabalhar, às vezes ria e tramava algo para aborrecer a vovó, às vezes simplesmente chorava. Finalmente emagreci e cheguei quase a cair doente. Chegava ao término a temporada da ópera, e o inquilino deixou inteiramente de nos visitar; e quando nos encontrávamos - sempre, na mesma escada, naturalmente - me cumprimentava em silêncio e tão sério, como se não quisesse falar-me, e quando ele já descia na porta e

eu ainda continuava na metade da escada, vermelha como uma cereja, pois o sangue me subia ao rosto quando me encontrava com ele.

“Agora já é o fim. Faz precisamente um ano, em maio, que o inquilino vinha a visitar-nos e disse à avó que já tinha terminado os assuntos que aqui o prendiam e que se via obrigado a mudar-se por um ano para Moscou. Ao ouvi-lo dizer aquilo, fiquei pálida e caí em uma cadeira como morta. A avó não percebeu nada, e ele, depois de declarar que nos deixava, despediu-se de nós e saiu.

"Que devo fazer? Pensei, pensei, me afligi, me afligi, e até que, finalmente, tomei uma decisão. Ele partiria no dia seguinte, e decidi que ia terminar tudo naquela mesma noite enquanto a vovó vai dormir. Dito e feito: fiz uma trouxa com meus vestidos e a roupa branca de que precisava, e, com a trouxa na mão, mais morta do que viva, subi as escadas até o andar de nosso inquilino. Creio que demorei uma boa hora para subir as escadas. Quando abri a sua porta, ele exclamou me olhando. Ele pensou que eu era um fantasma e correu para me dar um copo de água, pois eu mal podia ficar de pé. O coração me palpitava tão forte, que até me doía a cabeça e a mente estava perturbada. Mas depois, ao voltar a mim, não fiz outra coisa senão por minha trouxa em cima de sua cama, sentar ao lado dela, tapar o rosto com as mãos e me desfazer em uma torrente de lágrimas. Creio que ele compreendeu tudo em um momento, ficou em pé na minha frente pálido, e me olhou com tanta tristeza, que o meu coração se despedaçou.

- Escute – começou. – Escute, Nastenka; não posso fazer nada, sou homem pobre, por enquanto, não tenho nada, nem mesmo um cargo decente... De que iríamos viver, se eu me casasse com você?

“Conversamos por muito tempo. Eu, por último, perdi completamente os estribos, e disse que não podia continuar vivendo com a vovó, que ia fugir de sua casa e não estava disposta a consentir que me prendesse mais com alfinete; que eu, caso ele quisesse, iria com ele a Moscou, pois já não podia viver sem ele! Vergonha, amor e orgulho - tudo falava em mim ao mesmo tempo; e quase que como atacada de convulsões me deixei cair na cama. Tinha tanto medo de uma recusa!

“Ele permaneceu calado por alguns minutos, depois se levantou, se acercou de mim e me tomou a mão.”

- Escute, minha boa e querida Nastenka, - disse ele entre lágrimas – escute: juro que, se algum dia eu tiver condições de casar, você e só você me tornará feliz; juro que não poderia ser outra senão você. Mas escute: eu, agora, tenho de partir para Moscou, onde permanecerei um ano exato. Espero arranjar meus negócios. Quando eu voltar e se a senhorita não tiver deixado de me amar, seremos felizes, eu lhe juro. Mas agora é impossível, eu não posso, não tenho direito de prometer coisa alguma. Mas, repito, se dentro de um ano isso não acontecer, um dia acontecerá infalivelmente. Claro que se, até então, você não tiver dado a outro sua preferência, pois eu não a prendo por palavra nenhuma, porque não posso nem devo fazer isso.

“Assim me falou ele, e no dia seguinte partiu. Combinamos juntos não dizer à vovó nem uma só palavra sobre isso. Foi ele quem o quis assim. Agora minha história está quase terminando. Passou exatamente um ano. Ele chegou, está aqui já há três dias, e...

- E o quê? – perguntei, inquieto para ouvir o final.

- E até agora não apareceu! - respondeu Nastenka, parecendo reunir todas as suas forças – Nenhuma palavra, nenhum sinal de vida...

Então ela parou, permaneceu um pouco em silêncio, baixou a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos, e de repente irrompeu em um pranto tão desconsolado que meu coração se partiu.

Nunca havia esperado tal desenlace.

- Nastenka! - comecei, com a voz tímida e penetrante. - Nastenka, pelo amor de Deus, não chore! Como você sabe? Talvez não tenha chegado ainda...

- Está aqui, está aqui - insistiu ela. - Ele está aqui, eu sei disso. Aquela noite, antes de sua partida, combinamos uma coisa: depois daquela conversa que tivemos, e que acabo de lhe contar, e que foi tudo combinado, viemos aqui para passear, aqui mesmo, nesta mesma margem do canal. Eram dez horas; estivemos sentados neste mesmo banco; eu já não chorava, pois me dava tanto prazer ouvir o que ele dizia... Me assegurava que quando voltasse viria logo visitar-nos e que, se não me opusesse, então diríamos tudo à vovó. Mas agora voltou, sei disso, e mesmo assim não veio, não veio!

E de novo irrompeu em lágrimas.

- Meu Deus! Será que não pode remediar esta desgraça? - exclamei, me levantando do banco num desespero total. - Diga-me, Nastenka: será que eu poderia ir vê-lo?

- Será que isto é possível? - perguntou ela, levantando logo a cabeça.

- Não, certamente não! – observei, corrigindo-me - Mas escute... escreva a ele uma carta!

- Não; isso não é possível; isso não pode ser! - respondeu ela firmemente, mas baixando a cabeça agora e sem olhar para mim.

- Como não pode ser? Por que há de ser impossível? - continuei, insistindo na minha idéia. - Mas, sabe, Nastenka, não é uma carta qualquer! Há cartas e cartas... Ah, Nastenka, é isso! Confie em mim, confie! Não vou lhe dar um mau conselho. Tudo isso pode ser resolvido. Você foi, afinal de contas, quem deu o primeiro passo... Por que não agora?

- Não, não; isso não pode ser. Seria como se eu fosse impertinente...

- Ah, minha boa Nastenka! - interrompi, sem ocultar meu sorriso. – Não e não. Afinal de contas, você estará com todo o direito, já que ele prometeu. Além do mais, como deu a entender, ele é uma pessoa delicada, se comportou bem - prossegui, envolvendo-me cada vez mais na lógica de minhas deduções e conclusões. - Como se portou ele? Ele se comprometeu com aquela promessa! Ele lhe disse que não se casaria com ninguém, só com você, se um dia ele se casasse. Ele lhe deixou liberdade completa; de modo que você pode desprender-se dele a qualquer momento... Neste caso, você pode dar o primeiro passo, tem esse direito, tem até uma vantagem perante ele, se por exemplo, queria dispensá-lo da palavra dada...

- Diga-me: se estivesse no meu lugar, como escreveria?

- O que?

- Ora, esta carta...

- Eu escreveria assim: "Caro senhor..."

- É absolutamente necessário "caro senhor"?

- Não há outro jeito. E por que não? Penso que...

- Certo, certo! Continue!

- "Caro senhor: perdoe se..." Bem, não, não é necessário nenhum perdão. O fato em si explica tudo, escreva simplesmente:

"Escrevo-lhe. Perdoe minha impaciência; mas durante um ano inteiro estive inebriada de esperança; acaso sou culpada por não poder agora suportar sequer um dia de dúvida? Agora que o senhor voltou, talvez já tenha mudado suas intenções. Neste caso, esta carta só lhe dirá que não me queixo nem o culpo. Não o culpo por não ter domínio sobre o seu coração, este é o meu destino!

O senhor é um homem nobre, e estou certa de que estas linhas impacientes não o farão rir nem lhe provocarão aborrecimento. Lembre-se que são escritas por uma pobre moça, que está sozinha e que não tem ninguém para ensiná-la ou aconselhá-la e nunca soube dominar seu coração. Mas perdoe-me se em minha alma, ainda que por um instante, tenha pairado uma dúvida. O senhor é incapaz de ofender, mesmo que em pensamentos, aquela que tanto o amou e ainda ama."

- Sim, sim! Isto é exatamente como eu pensei! – exclamou Nastenka, e seus olhos resplandeceram de alegria. – Oh, o senhor dissipou as minhas dúvidas! Foi mesmo Deus quem o enviou! Muito obrigada, muito obrigada!

- Por quê? Por Deus ter me enviado? - respondi, contemplando extasiado, seu rostinho alegre.

- Claro, pelo menos por isso!

- Ah, Nastenka! De fato agradecemos a certas pessoas apenas por viverem conosco. Eu lhe agradeço infinitamente por ter uma chance de encontrar você, e porque vou me lembrar de você até o fim minha vida!

- Bem, basta, basta! E agora escute uma coisa: naquele tempo combinamos que ele, assim que estivesse de volta, mandaria me avisar por uma carta que deixaria na casa dos meus conhecidos; pessoas boas, simples, que nada sabiam disso; e se não pudesse escrever uma carta - porque nem sempre se pode dizer tudo numa carta - então ele, no mesmo dia de sua chegada, às dez em ponto, viria a este lugar, onde deveríamos encontrar-nos. Já sei que ele chegou, mas já faz três dias e nada de carta nem dele. De manhã é impossível para mim sair de casa sem que a avó o note. Leve a minha carta amanhã você mesmo a essas pessoas boas, de quem acabo de falar! Elas a farão chegar até as mãos dele. E, se houver resposta, o senhor mesmo a trará à noite, às dez horas.

- Mas, e a carta, e a carta? Primeiro é preciso escrever a carta! Talvez tudo isso só aconteça depois de amanhã.

- A carta... - respondeu Nastenka um pouco confusa. - A carta... Sim, mas...

Ela não terminou de falar. Primeiro virou de mim o seu rostinho, ficou vermelha como uma rosa, e de repente senti em minha mão uma carta, pelo visto escrita há muito tempo, perfeitamente pronta e selada. Uma recordação familiar, agradável e graciosa me passou pela cabeça!

- R, o: Ro; s, i: si; n, a:na – comecei eu.

- Rosina! - cantamos os dois; eu, quase a abraçando de entusiasmo; ela, corando tanto quanto possível e rindo em meio a lágrimas, que tremiam como pequenas pérolas em seus cílios negros.

- Bem, basta, basta! Agora vamos despedir-nos! – disse rapidamente. - Aí lhe deixo a carta, aí está o endereço onde deve entregá-la. Adeus, até a vista! Até amanhã!

Apertou-me fortemente as mãos, cumprimentou-me com a cabeça e fugiu como uma flecha para sua viela. Permaneci longo tempo no mesmo lugar, seguindo-a com o olhar.

- Até amanhã! Até amanhã! – passou-me pela cabeça quando ela já tinha desaparecido.

TERCEIRA NOITE

Hoje foi um dia triste, chuvoso e sem uma faixa de luz, assim como será a minha futura velhice. Estou assediado por pensamentos tão estranhos; sensações tão obscuras, questões ainda sem clareza se amontoam em minha cabeça, e eu não tenho nem força nem vontade para resolvê-las. Não está ao meu alcance resolver tudo isso!

Hoje não nos veremos. Quando estávamos nos despedindo ontem à noite, as nuvens começaram a se estender no céu, e crescia um nevoeiro. Eu disse que o dia de amanhã seria feio: ela não respondeu, não queria falar contra si mesma: para ela este dia é luminoso e claro, e nenhuma nuvem eclipsará sua felicidade.

- Se chover não nos veremos - disse ela - porque não virei.

Eu pensei que ela não teria notado a chuva de hoje, no entanto ela não veio.

Ontem nos vimos pela terceira vez, foi nossa terceira noite branca...

Realmente, como a alegria e a felicidade podem tornar um homem belo, como ferve o coração de amor! É como se nosso coração todo se extravasasse em outro coração, a gente gostaria que todos estivessem contentes, que tudo sorrisse! Como é contagiosa essa alegria! Ontem havia em suas palavras tanta ternura e em seu coração tanta bondade para mim... Como me cortejava, como era amável, como animava e acalentava o meu coração! Oh, quanta sedução inspira a felicidade! E eu... eu aceitava tudo na melhor boa fé, pensava que ela...

Meu Deus, como pude sequer pensar isso? Como pude ficar tão cego, quando tudo já estava tomado por outro e nada era meu, quando, enfim, mesmo essa sua ternura, sua solitude, seu amor... sim, seu amor por mim não era nada mais que a alegria do próximo encontro com o outro, o desejo de impor-me também sua felicidade? Como ele não apareceu, e nós o aguardávamos em vão, ela franziu o cenho, ficou tímida e temerosa. Todos os seus movimentos, suas palavras, ficaram menos suaves, joviais e alegres. Mas, coisa estranha, ela redobrou sua atenção para comigo, como se instintivamente desejasse derramar sobre mim o que desejava para si mesma, por temer que aquilo não se realizasse. Minha Nastenka estava agora tão intimidada e apavorada, que tinha compreendido enfim que eu a amava, e sentiu pena do meu pobre amor. Pois quando estamos infelizes, sentimos mais agudamente a infelicidade alheia; o sentimento não se dispersa, mas concentra-se.

Eu tinha vindo a ela com o coração transbordante, e mal podia esperar a hora do encontro. Não imaginava o que iria sentir nesse instante, nem pressenti que tudo terminaria daquele modo. Ela estava radiante, aguardava uma resposta. A resposta era ele mesmo. Ele deveria vir, acudir ao seu chamado. Ela chegou uma hora antes de mim. No começo ria por qualquer motivo. Comecei a falar, mas de súbito calei-me.

- Sabe por que estou tão contente? - perguntou - e me alegra tanto vê-lo? Sabe por que eu o amo tanto hoje?

- Por quê? - perguntei, e meu coração estremeceu.

- Amo você tanto por não ter se apaixonado por mim! Outro, em seu lugar, teria começado por me perturbar e importunar, e teria suspirado e sofreria de amor. Mas você é tão amável!

E me apertou a mão com tal força que quase gritei. Ela começou a rir.

- Santo Deus! Que bom amigo você é! – começou seriamente depois de um minuto. – Sim, foi Deus quem o enviou a mim. Que seria de mim, se não o tivesse ao meu lado? E como você é desinteressado! Como me quer bem! Quando me casar seremos bons amigos... mais que irmãos. Eu o amarei quase tanto como a ele.

Eu me senti terrivelmente triste neste instante, mas logo se esboçou algo como um sorriso em minha alma.

- Você está em pânico - disse eu. - Você está apavorada, pensa que ele não virá.

- Que idéia, santo Deus! Se eu não estivesse tão feliz, é muito provável que me fizesse chorar com sua descrença e suas censuras. Aliás, você me sugeriu uma idéia para longa reflexão, mas isso eu deixo para depois; no momento, confesso que adivinhou a verdade. Sim! Eu estou como que... fora de mim! Estou inteiramente na expectativa, e sinto tudo com extrema facilidade... Mas chega; não falemos mais de sentimentos...

Nesta hora ouviram-se passos, e da obscuridade vimos sair um transeunte que vinha em nossa direção. Tanto ela como eu estremecemos, e ela por pouco não soltou um grito. Eu soltei seu braço, e fiz um gesto, como se quisesse me afastar. Mas nos equivocamos: não era ele.

- Do que você tem medo? Por que soltou meu braço? - perguntou ela, segurando-o de novo. – O que é que tem? Nós iremos ao encontro dele de braços dados. Desejo que ele veja como nos queremos bem.

- E como nos queremos bem! – exclamei.

"Oh, Nastenka, Nastenka!", pensei. "Quanto disseste com essas palavras! Um amor como esse, Nastenka, há momentos em que gela o coração e pesa na alma... Tua mão é fria, a minha é ardente como fogo. Como você é cega, Nastenka! Oh, como é insuportável em alguns momentos a pessoa feliz! Mas eu não posso estar zangado com você...!"

Afinal, meu coração transbordou.

- Escute, Nastenka! - exclamei. - Sabe o que me aconteceu hoje o dia inteiro?

- O que, o que foi? Conte depressa! Por que ficou calado até agora?

- Primeiramente, Nastenka, depois de ter cumprido todos os seus encargos, entreguei a carta, visitei aquela boa gente, depois... depois voltei para casa e me deitei para dormir...

- E isso foi tudo? – interrompeu, rindo.

- Sim, quase tudo - respondi, com o coração apertado, pois sentia que lágrimas tolas afluíam aos meus olhos. - Despertei uma hora antes do nosso encontro; mas era como se não tivesse dormido. Não sei o que me acontecia. Vinha para lhe contar tudo isso, era como se o tempo tivesse parado para mim, como se uma única sensação, um

único sentimento, de então por diante, houvesse de dominar-me eternamente, como se um único momento houvesse de encher toda a eternidade e como se a vida toda tivesse parado para mim. Quando despertei, parecia-me que um certo tema musical, esquecido e doce, que eu conhecera há muito tempo, e que já tinha ouvido antes em algum lugar, me vinha agora à memória. Parecia-me que ele estivesse clamando do fundo de minha alma a vida toda, e só agora...

- Ah, meu Deus! - interrompeu Nastenka. - Que quer dizer com isso? Não entendo palavra.

- Ah, Nastenka! Tratava de explicar-lhe de algum modo essa estranha sensação... – comecei com voz triste, mas na qual encerrava uma esperança, ainda que muito remota.

- Basta; basta, pare! - começou ela a falar, e em um momento tinha adivinhado tudo, esperta!

De súbito, ela ficou extraordinariamente falante e alegre, brincalhona. Agarrou meu braço, ria, empenhava-se em que eu também risse, e qualquer palavra minha confusa lhe arrancava um riso tão sonoro, tão prolongado... Eu comecei a me aborrecer, e ela, de súbito, tomou ares de sedução.

- Escute – começou ela. - Confesso-lhe que me aflige um pouquinho que não tenha se enamorado de mim. Vá compreender os homens depois disso! Mas de todos modos, senhor imperturbável, não pode deixar de elogiar a minha espontaneidade. Eu digo tudo, tudo para você, qualquer que seja a tolice que me passa pela cabeça!

- Escute! Parece que são onze horas, não é? - disse eu, quando soou a badalada rítmica do relógio da torre distante.

Ela se calou de súbito, parou de rir e pôs-se a contar.

- Sim, onze horas - disse, finalmente, com voz tímida e indecisa.

Eu lamentei imediatamente de tê-la assustado e tê-la feito contar as badaladas do relógio, e recrimei-me pelo surto de raiva. Fiquei triste por ela, e não sabia como redimir o meu pecado. Comecei a consolá-la, a buscar as razões da ausência dele, a inventar diversos argumentos e provas. Não havia ninguém mais fácil de enganar do que ela naquele momento; qualquer um em tais momentos escutaria alegremente qualquer consolo que fosse, e ficaria feliz da vida, mesmo que fosse só uma sombra de justificativa.

- É uma coisa engraçada - comecei, me exaltando cada vez mais e admirando a extraordinária clareza de meus argumentos. – Ele não podia mesmo vir hoje, você me contagiou com sua inquietação e desassossego, Nastenka, a ponto de perder a noção do tempo... Pense só, ele mal terá tido tempo de receber a carta; suponhamos que não pudesse vir, suponhamos que vá responder, então a carta não chegará antes de amanhã. Eu irei lá amanhã bem cedo, e logo lhe informarei o que está acontecendo.

Suponha finalmente mil probabilidades: que não estivesse em casa quando a carta chegou e que talvez não a tenha lido até agora. Tudo pode acontecer.

- Sim, sim! - respondeu Nastenka. - Eu não tinha pensado nisso; claro que tudo pode acontecer! – continuou ela com voz condescendente, mas na qual, como uma dissonância desagradável, transluzia outro pensamento longínquo. - Então faça o seguinte: você irá amanhã o mais cedo possível, e se receberam alguma coisa, me faça saber imediatamente. O senhor já sabe onde moro? – E me repetiu o seu endereço.

Depois, de súbito, ela ficou tão carinhosa, tão tímida comigo; parecia escutar atenciosamente o que estava falando para ela, mas quando fiz uma pergunta, ficou calada, confusa e virou o rosto. Olhei em seus olhos - era verdade, estava chorando.

- Ora, será possível, será possível? Que criança é você! Que criança...! Chega!

Ela tentou sorrir, acalmar-se; mas o queixo lhe tremia e o peito ainda arfava.

- Eu penso em você – disse ela, depois de um breve silêncio. - Você é tão bom, que eu havia de ser de pedra, se não sentisse isso. Sabe o que neste momento me passou pela cabeça? Eu comparei os dois. Por que ele não é você? Por que ele não é como você? Ele é pior e entretanto amo ele mais do que amo você.

Eu nada respondi. Parecia que aguardava que eu falasse alguma coisa.

- Claro, talvez eu ainda não o compreenda inteiramente e não o conheça totalmente. Sabe, é como se sempre tivesse tido medo dele; ele estava sempre tão sério e tão... como que orgulhoso. Naturalmente, sei que isso era pura aparência, que em seu coração há mais ternura do que no meu. Lembro como ele me olhou naquela vez quando cheguei em seu quarto com a trouxa; mas, no entanto, parece que eu o respeito demais, como se não fôssemos iguais, não é?

- Não, Nastenka, não – respondi. - Isso quer dizer que você o ama mais que tudo no mundo, e até mais do que a si mesma.

- Bem; pode ser que seja - respondeu a ingênua Nastenka. - Mas sabe o que acaba de me passar pela cabeça? De agora em diante, não falarei mais dele, mas sim de algo mais geral, há muito que eu tinha pensado nisto. Escute, por que não nos tratamos uns aos outros como irmãos? Por que até o melhor dos homens parece que esconde algo do outro e se cala diante dele? Por que não dizer diretamente, agora mesmo, o que temos no coração, quando sabemos que não são palavras ao vento? Pelo contrário, cada um se dá ares de ser mais intratável do que é na realidade, como se temesse tirar o encanto dos seus sentimentos exprimindo-os depressa demais...

- Ah! Nastenka! O que você diz é verdade, mas isso tem muitas razões – interrompi, reprimindo mais do que nunca naquele momento os meus sentimentos.

- Não, não! - respondeu ela com profunda emoção. Você, por exemplo, não é como os outros! Eu realmente, não sei como lhe contar o que sinto, mas me parece que você... por exemplo, agora mesmo... parece que está sacrificando alguma coisa por mim - acrescentou ela timidamente, me olhando de passagem - Perdoe que lhe

fale assim, sou uma moça simples; vi pouca coisa no mundo, e realmente às vezes não sei falar bem – acrescentou com voz trêmula por causa de algum sentimento oculto, enquanto se esforçava por sorrir -; só queria lhe dizer que estou muito grata, que também sinto tudo isso... Queira Deus que você seja muito feliz por isso! E aquilo que você me contou há dias sobre seu sonhador, isto não é absolutamente a verdade; quero dizer que não tem a menor relação com você. Você está restabelecido, na verdade é uma pessoa totalmente diferente da que descreveu. Se algum dia você se apaixonar... queira Deus que você seja feliz ao lado dela! E a ela não tenho que desejar nada, pois com você não poderá ser senão feliz. Eu sei, eu mesma sou uma mulher, e deve acreditar-me se falo assim...

Calou-se, e apertou com força a minha mão. Eu também não podia dizer nada de tanta emoção. Passaram-se alguns minutos.

- Sim, parece que hoje ele não virá - disse por fim, levantando a cabeça. - Já é tarde.

- Ele virá amanhã - disse eu com um tom de voz mais firme e convencido.

- Sim – acrescentou ela, animando-se -, agora eu mesma vejo que ele virá somente amanhã. Bem; então, até à vista. Até amanhã! Se chover, eu talvez não venha. Mas depois de amanhã virei, virei sem falta, aconteça o que acontecer; você venha também sem falta. Quero vê-lo e contar-lhe tudo.

E depois enquanto estávamos nos despedindo, estendeu-me sua mão e disse, olhando-me serenamente:

- De agora em diante estaremos sempre juntos, não é verdade?

Oh, Nastenka, Nastenka! Se você soubesse em que solidão estou agora!

Quando soaram nove horas, eu não pude ficar um momento mais em meu quarto; vesti-me e saí para a rua apesar da chuva. Fui até lá e me sentei no nosso banco. Quase me encaminhei para a sua viela; mas depois senti vergonha, e a dois passos de sua casa, sem sequer erguer os olhos para suas janelas, voltei. Cheguei em casa em um estado de angústia como nunca tinha experimentado. Que tempo úmido, tedioso! “Se o tempo estivesse bom” – dizia para mim mesmo -, “passaria a noite inteira caminhando pelas ruas...”

Mas até amanhã, até amanhã... amanhã ela me contará tudo!

Mas hoje não chegou nenhuma carta. Aliás, era assim que tinha de ser. Eles já estão juntos...

QUARTA NOITE

Deus meu, como tudo acabou! De que modo tudo isto acabou!

Cheguei às nove horas. Ela já estava lá. Notei-a ainda de longe; estava de pé, como naquela primeira vez, apoiada no parapeito do cais, e não percebeu quando me aproximei.

- Nastenka! – exclamei, esforçando-me para conter a emoção.

Ela rapidamente voltou-se para mim.

- Então! – disse ela – Então ! Depressa!

Eu a olhei surpreso.

- Onde está a carta? Você trouxe a carta? - repetiu ela, agarrando-se ao parapeito.

- Não, não tenho carta nenhuma - disse lentamente. – Quem sabe ele ainda não chegou?

Ela ficou terrivelmente pálida e por muito tempo me olhou imóvel. Eu tinha aniquilado sua última esperança.

- Que Deus lhe perdoe! - falou, finalmente, com voz entrecortada. - Que Deus lhe perdoe já que ele me abandona assim!

Ela baixou os olhos, depois tentou levantá-los para me olhar; mas não pôde. Durante algum tempo tentou dominar a sua emoção; depois se voltou de súbito, apoiando-se no parapeito e irrompeu em pranto.

- Acalme-se! Acalme-se! – disse eu; mas ao olhá-la não tive forças suficientes para prosseguir; o que eu poderia dizer?

- Não tente consolar-me - exclamou ela, chorando -; não fale dele; não diga que ele virá, que não me abandonou de forma tão cruel, tão desumana, como fez. E, por quê? Por quê? Será que havia algo na minha carta, naquela carta infeliz?

De novo os soluços apagaram sua voz. Olhando para ela, meu coração se partiu.

- Oh, como isso é desumano e cruel! - começou ela de novo. - E nem uma linha, nem uma linha! Se ao menos tivesse respondido que não precisava de mim, que não me queria! Mas nenhuma linha em três dias! Como é fácil insultar, ofender uma pobre moça indefesa cuja única culpa consiste em amá-lo! Oh, quanto sofri nestes três dias...! Santo Deus! Santo Deus! Quando lembro que eu mesma fui até ele, que me rebaixei diante dele, chorei e implorei dele uma migalha de amor... E depois isto! Escute – falou, dirigindo-se a mim, e seus negros olhos brilharam - isto não é possível! Isto não pode ser assim! Isto não é natural! Ou eu ou você, um de nós se equivocou! Talvez ele não tenha recebido minha carta! Talvez até agora não saiba de nada! Como pode, julgue por si mesmo, fale, por Deus, explique-me, eu não posso compreender,

como é possível que tenha se comportado de modo tão bárbaro e grosseiro como fez comigo? Nem uma palavra! Até a pessoa mais insignificante do mundo seria tratada com mais compaixão! A não ser que ele tenha ouvido alguma coisa, que alguém tenha me caluniado! – exclamou ela, me fazendo a pergunta. – O quê, o que você pensa?

- Olhe, Nastenka: amanhã irei eu mesmo procurá-lo em seu nome.

- E então?

- E lhe perguntarei o que acontece, e lhe contarei tudo.

- E então, e então?

- Você vai escrever-lhe uma carta. Não diga que não, Nastenka; não diga que não! Eu o obrigarei a respeitar sua conduta, ele saberá tudo, e se...

- Não, meu amigo, não! - interrompeu ela – Basta! Nenhuma palavra mais, nenhuma palavra minha, nem uma linha - Basta! Já não o conheço, já não o amo mais, e o es... que ... ce... rei.

Não terminou a frase.

- Acalme-se, acalme-se! Sente-se aqui neste banco, Nastenka – disse eu, ajudando-a a sentar-se no banco.

- Já estou tranquila. Chega! São lágrimas, e irão secar. Você pensa que vou me matar, que vou me atirar à água...?

Meu coração estava transbordando. Quis falar; mas não pude.

- Escute! - continuou ela, pegando na minha mão. – Diga, você não agiria assim, não é? Não iria abandonar aquela que veio até você, não zombaria de seu débil e tolo coração! Você teria cuidado com ela, não? Teria imaginado que ela era sozinha, que não soube se proteger do amor por você, que não era culpada... que ela, afinal, não era culpada! Que ela não fez nada! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!

- Nastenka! – exclamei, incapaz de dominar minha emoção. - Nastenka, você me atormenta! Está dilacerando meu coração, está me matando, Nastenka, não posso ficar calado! Eu preciso falar, preciso dizer-lhe tudo o que me oprime o coração!

Enquanto falava assim, me levantei do banco. Ela me agarrou a mão e me olhou surpresa.

- Que é que há com você? – falou ela.

- Escute – falei decididamente. – Escute-me, Nastenka! Tudo o que vou dizer-lhe agora é totalmente absurdo, irrealizável, tolo! Já sei que isso nunca poderá acontecer; mas não posso, apesar de tudo, ficar calado. Em nome daquilo que faz você sofrer agora por antecipação, imploro-lhe, perdoe-me!

- Mas o que é, o quê? – ela dizia, parando de chorar, e me olhando fixamente, enquanto uma estranha curiosidade brilhava nos seus olhinhos surpresos - Que lhe acontece?

- É coisa impossível, Nastenka, já sei, mas eu amo você! Essa é a verdade! Agora tudo está dito! – disse, desesperado. - Agora veja se pode falar comigo como falava há pouco, e se pode, afinal, ouvir o que ainda tenho para lhe dizer!

- Mas como assim, como assim? – interrompeu Nastenka. - O que é que tem? Ora, já sabia, há muito, que me amava; mas me parecia sempre que me amava assim... de um modo simples... Ah, meu Deus, meu Deus!

- A princípio era simples, Nastenka, mas agora... agora estou como você estava quando chegou a ele com a sua trouxa. Pior do que você, Nastenka, porque ele então não amava ninguém, mas você ama.

- O que está me falando? Eu não o entendo completamente. Mas escute: para que tudo isso, e assim tão de repente? Meu Deus! Estou falando besteira! Mas você...

Nastenka ficou completamente confusa. Suas faces se inflamaram e ela baixou os olhos.

- Que posso fazer, Nastenka, que devo fazer? Sou culpado, cometi um abuso. Mas não! Não, Nastenka, eu não sou culpado, eu sinto, percebo, porque meu coração me diz que estou certo, porque não posso de modo algum ofendê-la, nem insultá-la. Eu era seu amigo; bem, e sou seu amigo, não mudei em nada. Agora as lágrimas me caem, Nastenka. Que caíam, que caíam - não atrapalham ninguém. Elas mesmas secarão, Nastenka...

- Mas, sente-se, sente-se! – falou, fazendo-me sentar no banco. - Ah, meu Deus!

- Não, Nastenka; não quero me sentar! Agora já não posso mais ficar aqui, nem você pode me ver mais; direi tudo agora... e depois irei embora. Só quero dizer que você jamais saberia que a amo. Eu teria guardado o meu segredo. Não ia atormentar você agora, neste instante, com o meu egoísmo. Não! Mas eu... eu não pude conter-me agora! Você mesma começou a falar nisso; você é a culpada, você é a culpada de tudo; e eu não sou culpado. Você não pode afastar-me do seu lado...

- Mas claro que não, eu não o afasto, não! - falou Nastenka, fazendo o possível por dissimular sua confusão.

- Não? Não me afasta? Eu mesmo queria fugir de você! De qualquer modo, irei embora; mas antes vou dizer-lhe tudo, pois enquanto você falava, eu não podia permanecer sentado, enquanto você chorava, enquanto se dilacerava por causa daquele... bem, daquele (darei com todas as letras, Nastenka), daquele que a rejeitou, porque o seu amor foi recusado; eu percebi, eu senti que em meu coração havia tanto amor por você, Nastenka, tanto amor...! E fiquei tão amargurado por não poder ajudá-

la com esse amor que meu coração explodiu, e eu, eu não pude me calar e tive que falar, Nastenka, tive que falar...!

- Sim, Sim! Fale-me, fale comigo assim! - disse-me Nastenka com um movimento indescritível. - Talvez ache estranho que falo assim com você; mas... sim, fale! Mais tarde lhe explicarei! Eu lhe contarei tudo!

- Você tem piedade de mim, Nastenka, tem simplesmente muita piedade de mim, minha amiga. O que está perdido, está perdido. O que está dito, não se recupera mais! Não é? Então você sabe tudo agora. Bom, esse é o ponto de partida. Pois bem! Agora está tudo bem. Apenas escute. Quando você sentou aqui e enquanto chorava, eu pensei... (ah, Nastenka, deixe-me dizer-lhe o que pensava!) Eu pensei que (é claro que isso é impossível, Nastenka), pensei que você, de alguma maneira, de algum modo absolutamente estranho, havia deixado de amá-lo. Então - eu já pensava isso ontem e anteontem, Nastenka,- então eu faria todo o possível para que você me amasse. Você falou, sim, você mesma tinha dito que já quase me amava. Bem; e... que mais? Sim; isto é quase tudo que queria dizer. Só me falta dizer-lhe o que então seria se você me amasse, só isso e mais nada! Escute, amiga minha... porque você é minha amiga apesar de tudo... Eu sou, certamente, um homem simples, pobre e insignificante; mas isso não vem agora ao caso (já nem sei o que estou falando, isto é só por estar confuso, Nastenka), mas eu a amaria tanto, tanto, que mesmo se você amasse aquele que eu não conheço, nunca ia perceber que o meu amor de alguma maneira seria um peso para você. Sentiria apenas, sentiria a cada minuto, que junto de você palpitava um coração agradecido, um coração fervoroso por você... Oh, Nastenka, Nastenka... o que você fez comigo?

- Não chore, não quero que chore! - disse Nastenka, levantando-se rapidamente do banco. - Venha, não chore, não chore - enxugando minhas lágrimas com seu lençinho. - Ande, vamos. Vou dizer-lhe uma coisa... Já que ele me deixou, já que me esqueceu, embora eu ainda o ame (não quero enganá-lo)... Mas ouça e responda-me. Se eu, por exemplo, chegasse a amar você; quero dizer; se eu somente... Oh, amigo meu, amigo meu! Quando penso, quando penso que o feri, que ri do seu amor quando o elogiava por não ter se apaixonado!... Oh meu Deus! Como podia não prever isto, como não previ, como pude ser tão tola, como? Mas basta; estou decidida, e vou dizer-lhe tudo...

- Ouça, Nastenka; sabe de uma coisa? Vou separar-me de você, é isso! Eu simplesmente a atormento. Eis agora você começa a sentir remorsos por ter dado risada de mim; mas não quero, sim, não quero que você, além da sua dor... Eu certamente sou culpado, Nastenka, mas... adeus!

-Escute, não vá embora! Você pode esperar?

- Esperar o quê? Como?

- É a ele que amo; mas isso passará, isso deve passar, não pode deixar de passar; já está passando, eu sinto... Quem sabe, talvez hoje mesmo vai acabar, eu o odeio porque ri de mim, enquanto você chorava aqui junto comigo... e porque você

não me teria rejeitado como ele, porque você me ama, e ele não me amou, porque eu, enfim, eu mesma amo você... Sim, eu o amo, como você me ama. Já lhe havia dito, e você mesmo ouviu - amo, porque você é melhor do que ele, porque é mais nobre que ele; porque, porque ele...

Sua emoção era tão forte que ela não terminou, apoiou sua cabeça no meu ombro, depois no meu peito, e começou chorar amargamente. Eu a consolava e acalmava, mas ela não podia conter-se; me apertava a mão e falava entre soluços:

- Espere, espere, já vou parar logo... Eu só quero lhe dizer... não pense que essas lágrimas são de fraqueza... Espere até parar...

Finalmente ela parou, enxugou as lágrimas, e nos pusemos a caminhar. Eu queria falar, mas ela me pedia para esperar. Nós nos calamos... Até que, por fim, tomou ânimo e começou a falar:

- Veja - começou com a voz fraca e trêmula, em que de repente ressoou algo que espetou diretamente em meu coração e o torturou docemente -, não pense que sou uma inconstante nem uma leviana, nem que tão depressa e tão facilmente possa esquecer e ser infiel... Eu o amei durante um ano inteiro e lhe juro por Deus, que nunca, nunca, nem por pensamento fui infiel. Mas ele ignorou isso, riu de mim... Que Deus o proteja! Eu... eu já não o amo, porque só posso amar aquilo que é generoso, que me compreende, que é nobre, porque eu mesma sou assim e ele é indigno de mim. Que Deus o proteja! Foi melhor ele ter feito isso agora, do que mais tarde eu me enganar em minhas expectativas, ao descobrir quem ele é... Portanto... isso já terminou! E quem sabe, meu bom amigo - continuou apertando-me a mão -, quem sabe se todo meu amor não era um engano dos sentimentos, da imaginação, e talvez começou como uma brincadeira, bobagem, porque estava sob a vigilância da vovó? Talvez eu deveria amar outro, e não ele, não um homem como este; outro, que sentisse pena de mim, e... e... Bem; deixemos, deixemos isto! - interrompeu Nastenka, sufocando-se de emoção -; eu só queria dizer-lhe, queria dizer que apesar de amá-lo, (não, apesar de tê-lo amado), se apesar disso você ainda disser... se ainda sente que o seu amor é tão grande a ponto de tirar de meu coração o amor que havia antes... Se quiser ter piedade de mim, se não quiser deixar-me abandonada ao meu destino, sem consolo, sem esperança; se quiser me amar sempre assim como agora me ama... então eu lhe juro que a gratidão... que o meu amor será afinal digno do seu... Tomaria minha mão agora?

- Nastenka! – gritei, sufocado o pranto. - Nastenka!... Oh, Nastenka!...

- Bem, basta, basta! Agora realmente basta! - disse ela, mal se contendo. – Agora tudo já foi dito, não é verdade? E você está feliz e eu estou feliz, nenhuma palavra mais sobre isso. Espere, tenha pena de mim... Fale de alguma outra coisa, pelo amor de Deus!

- Sim, Nastenka; sim! Já chega sobre isso; agora sou feliz, eu... Então, Nastenka; falemos de outra coisa, depressa, depressa! Falemos, sim, estou pronto!

E sem saber o que havíamos de falar, ríamos, chorávamos, falávamos milhares de palavras sem coerência. Ora andávamos pela calçada, ora voltávamos, começávamos a atravessar a rua; depois, parávamos e íamos outra vez para a margem do rio; parecíamos crianças...

- Agora vivo só, Nastenka - comecei a falar - mas amanhã... Bem: certamente, você sabe, Nastenka, sou pobre, ganho só mil e duzentos rublos, mas isso não importa...

- Claro que não! Além disso, a vovó tem uma pensão; portanto ela não vai nos perturbar, mas teremos de levá-la conosco.

- Claro que temos que levá-la... Só que a Matriona...

- Ah, sim...! E nós também temos a Fiokla!

- Matriona é bondosa, mas tem um defeito: não tem imaginação, Nastenka, nenhuma imaginação mesmo; mas isto não é nada...

- Tanto faz, as duas podem ficar juntas. E amanhã você se muda para a nossa casa, não é?

- Como? Para a sua casa? Bem, estou pronto...

- Sim, você aluga o nosso mezanino. Temos lá em cima um mezanino, e ele está vazio - tinha uma inquilina, uma senhora de idade, uma aristocrata; ela foi embora, e a vovó quer, eu sei, um moço. Eu lhe falei: "Por que, moço?" E ela respondeu: "Por que não? Eu já estou velha, só que não vá pensar, Nastenka, que tenho a intenção de lhe arranjar um marido". Mas eu adivinhei que era para isso...

- Ah, Nastenka!

E nós dois começamos a rir.

- Bem; agora chega de conversa. Mas diga, onde é que você mora? Tinha esquecido de perguntar.

- Pois é ali perto da ponte, no prédio do Barannikov.

- É aquele prédio grande?

- Sim, é um prédio grande...

- Ah, eu conheço! É um prédio muito bom. Só que, você sabe, deixe-o e venha viver conosco o quanto antes.

- Amanhã, Nastenka; amanhã mesmo! Devo ainda um pouquinho de aluguel, mas isso não é nada... Tenho de receber logo o meu ordenado...

- E, sabe, talvez vá dar aulas; primeiro aprenderei, e depois irei dar aulas...

- Isto é ótimo... e eu daqui a pouco receberei uma gratificação, Nastenka!

- Então, amanhã você será o meu inquilino?

- Sim, e nós iremos para *O barbeiro de Sevilha*, porque logo vão representá-lo outra vez.

- Sim, vamos! - disse Nastenka, rindo – Não, é melhor que não vejamos não o “Barbeiro”, mas alguma outra coisa.

- Está certo; uma outra coisa. Claro que será melhor, como não tinha pensado?

Falando assim, andávamos como numa embriaguez, num nevoeiro, sem saber o que nos acontecia. Às vezes parávamos, falávamos longo tempo sem sair do lugar, às vezes de novo começávamos a andar e parávamos só Deus sabe onde, e de novo riso, e de novo lágrimas. Às vezes, Nastenka queria voltar para casa, eu não me atrevia a retê-la, e queria acompanhá-la até a sua casa; nos colocávamos a caminho, e de repente dentro de um quarto de hora, nos encontrávamos no nosso banco do cais. Então ela suspirava e de novo uma lágrima caía de seus olhos... e eu a olhava assustado e perplexo... Mas ela voltava a apertar a minha mão e me puxava de novo a andar, tagarelar, falar...

- Agora já é hora, é hora mesmo de voltar para casa! Deve ser muito tarde! - disse afinal Nastenka. - Chega de criancice!

- Bem, Nastenka, só que não poderei dormir agora; não vou para casa.

- Eu também não vou poder dormir, mas me acompanhe...

- Certamente!

-Só que desta vez vamos chegar até a casa?

-Com certeza, com certeza!

- Palavra de honra? Porque afinal é preciso voltar para casa, enfim!

- Palavra de honra! - respondi, rindo.

- Pois vamos embora!

- Vamos!

- Veja o céu, Nastenka, veja! Amanhã vamos ter um dia magnífico... Como o céu está azul e veja que lua! Olhe, esta nuvem amarela está se escondendo agora... Olhe, olhe!... Não, passou perto, mas olhe, olhe!...

Mas Nastenka não olhava a nuvem; ela ficou calada, imóvel como que pregada no chão. No instante seguinte apertou-se timidamente contra mim. Sua mão se estremeceu na minha; eu a olhei... Ela se apoiou em mim mais fortemente.

Neste instante passou junto a nós um jovem. De repente ele parou, nos olhou com grande atenção, e depois andou mais alguns passos. Meu coração estremeceu.

- Nastenka - perguntei em voz baixa - quem é, Nastenka?

- É ele! – respondeu num murmúrio, ainda mais perto, mais trêmula, apertando-se contra mim, e eu quase não me segurava em pé.

- Nastenka! Nastenka! É você? – ouviu-se uma voz atrás de nós, e neste momento o jovem andou mais alguns passos em nossa direção.

Santo Deus! Que grito! Como ela estremeceu! Como escapou de minhas mãos e voou ao encontro dele! Fiquei parado, olhando para eles como que mortificado... Mas ela mal lhe havia estendido a mão, mal se havia atirado em seus braços, como que de repente se virou para mim, já estava junto a mim, como um vento, como um relâmpago, e antes que eu recobrasse a consciência, envolveu meu pescoço, com ambos os braços, e me beijou calorosa e intensamente. Depois, sem dizer uma palavra, jogou-se de novo para ele, tomou-lhe as mãos e o levou consigo.

Fiquei parado ali muito tempo, seguindo-os com o olhar... Até que os dois desapareceram da minha vista.

A MANHÃ

Minhas noites terminaram com uma manhã. O dia não era bom, chovia, e as gotas batiam tristemente nos cristais da minha janela; o meu quartinho estava escuro, e lá fora estava sombrio. A minha cabeça doía e girava, e a febre ia se apoderando de meu corpo.

- Carta para ti, meu caro, chegou pelo correio da cidade - disse Matriona.

- Uma carta? De quem?- exclamei eu, pulando da cadeira.

- Não sei, meu caro, veja; talvez aí dentro esteja escrito de quem é...

Rompi o selo; a carta era dela!

"Oh, me perdoe, perdoe!" - me escrevia Nastenka. "De joelhos lhe suplico, perdoe-me! Enganei-o como enganei a mim mesma. Foi um sonho, uma ilusão... Eu sofri o indizível por você hoje; perdoe, perdoe-me!..."

Não me culpe, pois não mudei nada em relação a você; eu disse que iria amá-lo e agora o que sinto é mais que amor! Deus meu, se eu pudesse amar vocês dois ao mesmo tempo! Oh, se você fosse ele!"

"Oh, se ele fosse você!" – passou voando pela minha cabeça. Lembrei de suas próprias palavras, Nastenka.

"Deus sabe do que eu estaria disposta por você. Sei que é difícil e triste. Eu o magoei, mas você sabe... quando se ama, não dura muito o ressentimento. E você me ama!

“Agradeço! Sim! Agradeço-lhe muito por esse amor. Pois em minha memória esse amor está gravado como um sonho doce, do qual se recorda por muito tempo depois de acordar; vou lembrar eternamente do instante em que você abriu seu coração para mim de maneira tão fraterna, e com tanta bondade aceitou como seu o meu coração mortificado, para cuidar dele e curá-lo... Se você me perdoar, a sua lembrança se transfigurará em mim em um sentimento de eterna gratidão, que nunca se apagará na minha alma. Eu vou guardar esta recordação, estarei fiel a ela, não a trairei, não trairei o meu coração: ele é constante. Ontem voltou para aquele a quem já pertencia eternamente.

“Havemos de ver-nos ainda, você virá visitar-nos, não nos abandonará, será eternamente amigo, meu irmão... E quando nos visitar, me dará sua mão... sim? Mas você me dará a sua mão, pois terá me perdoado, não é verdade? Você me ama como antes?

“Oh, ame-me, não me abandone, porque eu o amo tanto neste instante, porque sou digna do seu amor, porque mereço esse amor... meu querido amigo! Na semana que vem me casarei com ele. Ele voltou apaixonado, nunca me esqueceu... Não se zangue porque escrevi sobre ele. Quero ir à sua casa com ele; o senhor gostará dele, não é verdade?...

Perdoe-nos, lembre-se e ame a sua

Nastenka”

Durante longo tempo li e reli aquela carta. Os meus olhos estavam cheios de lágrimas. Finalmente, ela me caiu das mãos, e eu cobri o rosto...

- Querido! Ora, querido... – começou Matriona.

- O que é, minha velha?

- Pois eu tirei as teias de aranha que havia no teto, agora pode casar, se quiser, ou trazer convidados, agora mesmo...

Eu a olhei de frente. Era uma mulher ainda bem disposta, mas, não sei por que, tive a impressão de vê-la de súbito com os olhos apagados, profundas rugas na testa, curvada e senil... Não sei por que me pareceu de súbito que também o meu quarto se tinha tornado tão velho quanto ela. Vi as paredes e o chão desbotados, tudo fosco, ainda mais teias de aranha do que havia antes. Não sei por que, ao olhar para fora pela janela me pareceu que a casa da frente também tinha envelhecido e se apagou, que o reboco das pilastras descascou e caiu, que as molduras estavam enegrecidas e rachadas, e que as paredes, de um amarelo forte e brilhante, estavam todas manchadas...

Será que foi um raio de sol, que tendo surgido de súbito por detrás de uma nuvem, de novo escondeu-se atrás de uma nuvem negra, e tudo ficou ainda mais sombrio nos meus olhos? Ou seria porque surgiu momentaneamente na minha frente toda a perspectiva do meu futuro, tão árido e triste, e eu tenha me visto, assim como

estou agora, daqui a quinze anos, envelhecido, no mesmo quarto, igualmente sozinho, com a mesma Matriona, que em todo esse tempo não terá adquirido mais inteligência?

Mas por que eu deveria sentir algum ressentimento contra você, Nastenka? Erguer uma nuvem escura sobre a sua felicidade clara e serena; levar tristeza ao seu coração, acusá-lo e fazê-lo amargar um remorso secreto, obrigando-o a bater tristemente num momento de felicidade; pisar uma só das flores tenras que adornarão suas madeixas negras quando for com ele ao altar... Oh, nunca, nunca! Que seja claro o seu céu, que seja luminoso e sereno o seu lindo sorriso; abençoada seja você pelo momento de felicidade e ventura que concedeu a um outro coração solitário e agradecido!

Meu Deus! Um momento inteiro de felicidade! Não será isto o bastante para inundar toda uma vida?

Círculos de Leitura

Realização:



Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Rua Ceará, 02 – Higienópolis - 01243-010 São Paulo – SP.

Tel: (11) 3824-9633 Fax: 3825-2637

www.braudel.org.br - ifbe@braudel.org.br

Apoio:

